BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1901 N.º 58

S. A. o Principe Real, D. Luiz Filippe

DUQUE DE BRAGANÇA

O PRINCIPE REAL

Publica hoje a nossa Revista o retrato de S. A. Real o Principe D. Luiz Filippe, Duque de Bragança, herdeiro presumptivo do throno de Portugal.

Completou Sua Alteza os seus quatorze annos, passou da infancia para a adolescencia, e acaba de praticar, em obediencia ao que determina a lei fundamental do Estado, o seu primeiro acto publico, solemne e consciente, na sua qualidade de cidadão, mas de cidadão que tem uma grande missão a cumprir para bem do seu paiz. Na idade em que começa a despontar a nitida comprehensão das coisas d'este mundo, e em que uma rasão clara e ornada começa a mostrar a cada um quaes são os seus deveres, foi Sua Alteza prestar, nas mãos do presidente da camara dos pares, na presença do Rei e da Rainha, da côrte e do parlamento convocado em grande gala, o juramento de fidelidade ao Rei, ás leis do reino e ás instituições vigentes.

Por esse acto tão singelo em si mas tão grande na sua alta significação religiosa e politica, por esse acto que teve uma repercussão enorme de sympathia e de lealdade por todo o paiz, achou-se repentinamente Sua Alteza investido nas suas altissimas funcções e sabendo o que o paiz espera d'elle e o que elle lhe deve.

O Principe Real é um mancebo muito bem educado, muito insinuante, com a instrucção toda que é compativel com a sua idade, e revelando muito bom senso, muita discreção e muita modestia na sua conversação, já comtudo bastante circumspecta e reflectida. Sua Alteza respeita os velhos servidores do seu paiz, e trata a todos com muita affabilidade, mas com toda a consideração que lhes é devida; e quando se falla de algum morto que tivesse representado um glorioso papel na causa da consolidação do throno de algum dos seus antepassados, o respeito de Sua Alteza por esses grandes mortos reveste a forma de verdadeiro culto.

Não ha ainda um anno, estando Sua Alteza conversando com um velho official da armada na esplanada da cidadella de Cascaes, mostrou-lhe esse official a commenda de Christo que tinha ao peito, a qual, como se deprehende de uma inscripção gravada na face posterior, pertenceu ao benemerito marechal do exercito Duque da Terceira.

O official explicou a Sua Alteza quem fôra o Duque e o papel glorioso que elle representara na causa sagrada da defesa dos direitos da Rainha D. Maria II, a grande educadora, bisavó de Sua Alteza. O Principe ouviu, sem a minima interrupção, muito attento e respeitoso, disse que conhecia bem esse periodo da nossa historia e admirou muito, como uma verdadeira reliquia, essa venera respeitavel.

O Principe Real, pelo seu porte, pela esmerada educação que recebe de seus paes, pela direcção que é dada aos seus estudos e pelos exemplos que tem de seus maiores dá-nos seguras garantias de ser um precioso penhor das nossas gloriosas tradições, e de que hade vir a ser um strenuo mantenedor dos sagrados direitos da patria e da sua independencia.

E como não havia de ser assim, tendo Sua Alteza entre os ultimos soberanos de Portugal, seus tão proximos parentes, vultos illustres e venerandos como foram o seu terceiro avô D. Pedro IV, o reivindicador das nossas sagradas liberdades, sua bisavó D. Maria II, senhora de espirito varonil e forte que tão cedo foi roubada ao affecto d'este povo, seu tio avô D. Pedro V, mancebo extraordinariamente illustrado, reflectido e serio, de quem tanto havia a esperar, seu avô D. Luiz I, cuja memoria sympathica está ainda viva no espirito de muitos que de perto o trataram, e seu augusto pae Sua Magestade El-Rei D. Carlos, que tanto se desvela pela agricultura nacional, comprehendendo ser ella um dos elementos em que se baseia a nossa prosperidade, e que tão dedicado é á armada e ao exercito, seguras columnas que sustentam a autonomia d'este pequeno torrão occidental. Finalmente, da sua adoravel e adorada mãe a Excelsa Rainha D. Amelia, recebeu o Principe todos os attrahentes perfumes dos sentimentos d'alma mais delicados que lhe dão a aureola da espontanea sympathia que elle faz nascer no coração de todos.

Saudamos pois respeitosos o auspicioso e nobre principe e fazemos sinceros e calorosos votos pela sua prosperidade e venturas associadas ás d'esta fidelissima e dedicada nação.

Augusto de Castilho.

A RAINHA DE ITALIA

A gentilissima princeza Helena de Montenegro, hoje Rainha de Italia, deu á luz uma menina. Ao nascer a Princeza Real, no quarto perfumado da Mãe, entraram apenas as duas avós: a Princeza de Montenegro e a Rainha Margarida, tão prematura e tragicamente viuva. Na sala contigua o jovem Rei Victor Manoel acompanhado do Principe Mirko, seu cunhado, esperava ancioso o nascimento, que logo se espalhou por todo o Quirinal, de lá pela velha cidade de Roma e em fim por todo o mundo.

Os filhos de reis quando nascem começam logo a ser perseguidos pela pragmatica, e mal apparecem á luz da vida, depois do seu primeiro banho, como qualquer simples mortal, apresentam-lhes logo velhos conselheiros graves e feios que por certo não lhes devem fazer parecer muito bonito este mundo. A nova princeza tem no entanto, a suavisar essa impressão, o sorriso meigo e bondoso de duas avós: um, severo mas alegre, lembrando as montanhas do seu paiz, o outro, terno mas triste, como a agua do rio correndo serena em tarde de outomno. N'um, traduzia-se a alma feliz e sadia de uma Princeza forte e rica a quem a vida tem brilhado com todas as commodidades e venturas, no outro, era o coração torturado por uma tragedia sempre lembrada, que recordava, nos primeiros vagidos da netinha, os ultimos momentos do marido idolatrado.

Que esses dois sorrisos, tão diversos entre si, impressionados por sentimentos tão antagonicos, mas sempre bons, sejam como que o hymno enthusiastico no alvorecer da regia creança!

A Rainha de Italia sem ser bonita, é muito gentil, e tem especialmente no seu porte, no seu falhe, nas suas maneiras, uma simplicidade que encanta e attrahe. Um pouco timida, apesar de conhecer já a fundo o italiano, arreceia-se de o falar, com medo de qualquer phrase equivoca que lhe possa escapar e que ella propria considera como *falta de estudo*. Mas não descança na applicação constante do italiano, no perscrutar de todos os segredos da lingua, que é hoje a sua, e cuja pronuncia melodica se ha-de casar com a sua voz sympathica e meiga.

Os principes de Montenegro, seus paes, deram-lhe uma educação franceza, essencialmente moderna. Ella desenha a primor, pinta bem, tem uma paixão extraordinaria pelos divertimentos do *sport*, desde a bicycleta até á caça, da equitação á natação, é professora em todos esses exercicios, e sem vaidades, naturalmente modesta como qualquer pequenina aldeã do seu paiz natal, do qual guarda, na sua vida intima, esse respeito espontaneo que as suas patricias teem pelos maridos, considerando-os seus senhores, cuja palavra faz lei.

A TOURADA

Alegra uma tourada. O espectaculo póde não enthusiasmar todos, porque emfim ha muitos que o não apreciam, mas não ha por certo um só a quem elle não alegre. Sobre ser um espectaculo emocionante, por qualquer ponto de vista que o encarem, o aspecto de um grande circo em tarde de touros é divertido. Tem sol, calor e vida, ha sorrisos perfumados de mulheres bonitas, gargalhadas estridentes, ditos a proposito, vozes que se cruzam atroando os ares, ora em invectivas que passam rapidas, ora em applausos que não duram mais tempo. O aspecto é variado: salta á vista uma infinidade de côres, como se estivessemos em frente de um cosmorama. Agitam se leques e lenços, binoculam-se olhos, corações, ha barulho, muito barulho e de repente, quando o touro entra e o homem o procura, destemido, arrojado, toda essa turba multa se cala, como por encanto — uns segundos, emquanto o artista não faz a sorte ou o boi não atira com este de cangalhas... *Ratchim, ratchim*, a banda toca uns primeiros compassos, os espectadores manifestam-se ruidosamente e a scena repete-se umas poucas de vezes, com pequenas variantes, quasi sempre a mesma...

E aqui está como um espectaculo, no fundo monotono, é ao mesmo tempo um espectaculo divertido. O que elle é, é verdadeiramente nacional, e feliz ideia teve o chefe do Estado, iniciando a organisação de uma tourada de amadores, para beneficio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos de que sua Augusta Esposa é incansavel protectora. Não podia escolher melhor: gentileza na offerta e novidade nos detalhes. Pela primeira vez se correram touros pertencentes a El-Rei, que se orgulha e com razão de ser um lavrador intelligente e activo, desconhecendo fadigas e cansaços, amando a vida do campo, simples e modesta, de contacto intimo com o seu povo que o conhece de perto, que o estima, que o saúda quando elle passa, de largo chapéu desabado, — como o apresenta o retrato que hoje damos, — forte, sadio, bondoso e satisfeito..

Essa tourada de beneficencia teve, como não podia deixar de ter, um cunho aristocratico. Entraram n'ella, os rapazes mais conhecidos, e os mais corajosos. Esse grupo de forcados que ahi está, apanhado pela objectiva do nosso colaborador photographico, é a nota da valentia indigena: rapazes com força e ao mesmo tempo com a generosidade que dá a força, auxiliando-se sempre, n'essa divisa que é ainda hoje uma grande arma collectiva — um por todos e todos por um — em frente do animal, moderando-lhe a furia, trocando-lhe os passos, ora desviando o, ora desafiando-o, e sempre unidos, auxiliando o escolhido pela sorte para dominar n'uma pega, que é o mais caracteristico da tourada nacional, o bravo focinho de um touro...

E a entrada dos artistas? Esse antigo habito das cortezias traz ainda impregnado um certo cunho dos velhos tempos da capa e espada, em que se pelejava em toda a parte e a todo o momento, por uma facecia, por um sorriso, por uma phrase de inveja, por um olhar de amor. E sempre imponente essa entrada, mas na tourada de amadores redobra de imponencia pela riqueza e pelo garbo. Vem adiante a charamella, de oito figuras todos montados em cavallos brancos, e logo depois o neto entre quatro gentilissimos pagens que fariam a delicia de qualquer dama do seculo XIII, e a lendaria azemola com as caixas das farpas, os forcados, os campinos, os moços de curro, trajando todos vistosos fatos e a elegantissima *cuadrilla*, resplendente de dourados.

N'esse momento o aspecto é verdadeiramente deslumbrante, e dá rasão a um dito de uma gentil senhora muito distincta, quando lhe perguntaram se gostava de touros.

— Para mim, os touros teem apenas um attractivo — são as cortezias...

O LAVRADOR
EL-REI D. CARLOS

A tribuna real

As cortezias

A chegada dos trens

Photographias de Hygino de Mendonça.

A recordação dos mortos é a presença na ausencia.

LACARDAIRE.

*

Nunca nos falta a coragem em face dos perigos em que não acreditamos.

*

Um bom retrato é uma biographia pintada.

ANATOLE FRANCE.

*

A indulgencia é muitas vezes a melhor forma da justiça.

PIERRE DE SÉGUR

*

A historia é a consciencia do genero humano.

ABBADE PERREYNE.

M.ELLE JUDITH

(N'um leque)

Quando junto das portas de Bethulia
Holophernes prostrado adormecia,
Decepou-lhe Judith — uma judia —
A cabeça viril com força herculea.

Holophernes não sou... mas appareça
A que me queira por amor matar,
E amor, fé, alma, coração, cabeça,
Tudo lhe ponho aos pés... se ella mandar.

JAYME VICTOR.

Paulo David, Pedro Figueiredo Simão da Veiga Mario Duarte D. Luiz Menezes (Luminares) Henrique Freire

OS BANDARILHEIROS

Pedro Navarro Arthur dos Santos D José Castelbranco D. Antonio Lobo da Silveira (Alvito) Luiz Pimentel João Marcellino d'Azevedo José de Caiazans (cabo) Pedro d'Oliveira

OS MOÇOS DE FORCADO

Bernardo d'Albuquerque Marçal Pacheco D. Nuno d'Almada Julio Passos Jorge Croft de Moura

NETO E ANDARILHOS

Carlos Raposo Joaquim Raposo Florindo Lopes de Carvalho Adrião Malfeito João Lopes de Carvalho
Augusto Raposo (abegão) Vidigal Paes

MOÇOS DO CURRO

1 — Os lidadores descendo o Chiado, nas carruagens da Casa Real. *2* — O neto fazendo cortezias. *3* — Os charameleiros.
4 — As cortezias. *5* — Outro aspecto das cortezias. *6* — A assomoia com a caixa das farpas. *7* — O cavalleiro conde de S. Lourenço. *8* — O cavalleiro D. Luiz do Rego.
9 — O cavalleiro Victorino Froes. *10* — D. Luiz do Rego n'uma sorte á garupa.

O VAREIRO

Na ruella pedregosa as tôcas de madeira encostam-se umas ás outras, negras, sujas, trescalando a peixe e todo o dia apinhadas de creanças — a filharada, que de anno para anno augmenta. Uma ou outra velha acocorada ás portas apanha sol. Seccou-as a desgraça e, de enrugadas e negras, parecem velhas pretas curtidas pela fome. Falam d'uma para outra casa. Dentro, no interior enfumaçado, vêm-se canastras com rêdes e enxergas rôtas. As casas são terreas, de telha vã, com um unico compartimento onde se cosinha e se dorme. O pae e a mãe ficam com os filhos mais novos, os outros deitam-se em esteiras no chão.

O Vareiro

N'uma d'essas casôtas mora o Vareiro. Vindo do mar, depois de lavadas as rêdes, a mulher já sabe que elle é certo na taverna do Côxo — um sumidouro com o antigo maritimo ao balcão. Cahiu um dia d'um mastro o embarcadiço e agora, com a sua perna de páo, coxêa que coxêa, vende quartilhos de vinho aos pescadores.

Um candieiro d'azeite fumarento illumina o buraco, as faces dos borrachos, os olhos piscos e o carão oleoso do Côxo encostado á pipa rotunda. Depois, sentados em pranchas de madeira, discutindo o mar, o peixe, a vida, ou jogando com cartas ensebadas, meia duzia de pescadores. Se se zangam o Côxo, que é temido, põe-os na rua, erguendo a muleta ferrada.

A' noite o Vareiro está a cahir. As palavras sahem-lhe com difficuldade da bocca pastosa, os olhos sorriem-lhe e o cachimbo de barro fumega-lhe nos labios de satyro. Anda direito, mais aprumado ainda do que antes de beber, e a caminho pelo caes fóra vae fallando sósinho n'um enlevo:

— Mar de peixe... mar cheio de peixe... Elle ruivos... elle pescadas!... Tanto peixe!... Tanto que um homem já não sabe o que lhe ha de fazer!... Vocês verão!... Inda ha-de vir peixe á praia!...

Se encontra uma rapariga pára, galanteador. Apruma-se, especa-se nas pernas abertas, tira o cachimbo da bocca, cuspinha e diz-lhe com meiguice:

— O' menina!...

Pausa. Procura uma phrase. A bocca entreabre-se-lhe n'um sorriso, os olhos piscos e vagos illuminam-se-lhe:

— O' menina! menina! O' meus peccados!...

— Fóra bebado!...

Riem-se, insultam-no, fogem-lhe ás risadas — e elle fica de braços estendidos, balouçando-se nas pernas:

— O' meus peccados!...

Todas o conhecem. A's vezes pilham-no e formam roda dançando e batendo as palmas, emquanto o Vareiro, no meio d'ellas, gargalha, negro, baboso e piteireiro:

— Meninas! meus peccados!... Qual de vós escolhe o velhote?...

E' o seu galanteio. Velho, feio, rôto como os mendigos, o Vareiro quando bebado é sempre amoroso:

— Meninas!...

Por fim, altas horas, depois de conversar com o cachimbo em infindaveis monologos, pela praia fóra, vae dar a casa. A mulher, que se fartou de o esperar e que vê gastar se na taverna o pão dos filhos, insulta-o e pragueja quando elle bate á porta:

— Arre bebado, bata com a cabeça!

Mas elle, amavioso, pede:

— Abre Joanninha!

— Durma ao relento, seu odre! durma nas pedras!...

Quando está a cahir assim fica, com o cachimbo ao lado, estiraçado no lagedo. Outras vezes tanto bate que ella abre a porta.

— Então quem manda aqui? que casa é esta? — pergunta o Vareiro.

— Manda você, seu borrachão.

— Mais respeito, menina. Quero respeito...

— Dorme.

— Hei-de dormir se quizer! Ainda um dia ensino certa pessoa que eu cá sei a ter mais cortezia...

Ella atira-lhe com um batedouro e por fim engalfinham-se. A Joanna, se o apanha a cahir de bebado, espesinha-o. O Vareiro tomba, com a camisa rota, prégando com dignidade:

— Mais respeito, menina! Quero respeito!...

Entretanto a Joanna revolve-lhe as algibeiras, arrancando-lhe as moedas que ficaram da taverna, e elle clama afflicto:

— Aqui d'el-rei, quem acode!...

A Joanna bate-lhe e elle por terra, sem forças, resigna-se e monologa, emquanto ella procura:

— Oh senhores, ao que um homem chega!... Vão lá casar-se!... Antes que cases vê o que fazes!... Então, menina, isto aqui é a casa do Gonçalo onde canta mais a gallinha que o gallo?

— Calle-se, seu odre! Agora durma!...

Deita-se na enxerga e ronca. No outro dia desanca-a e ella chora, tão bebeda como o Vareiro, tendo gasto em vinho o dinheiro que lhe arrancou na vespera. A miseria é profunda. Os filhos olham-n'os sem palavra. Quasi se não come. Dão os visinhos aos pequenos uns pão, outros conducto. Vestem andrajos. As calças do Vareiro são curiosas, tal a camada de trapos sobrepostos, farrapos cada um da sua côr, cosidos e recosidos. Ella, que foi linda, corajosa e boa, anda peor que as mendigas. A miseria perdeu-a.

Ha dias na viella em que a balburdia se péga — gritos, vozearia, pancadas. Ao clamor do Vareiro e da mulher, acodem os visinhos. Uns riem, outros protestam:

— Tambem é de mais!

— Fóra!...

Fazem-se commentarios, mas se alguem se mette na questão:

— Ninguem cá o chamou!

— E' a carne da minha carne e o osso do meu osso!

E os risos e as lagrimas, as gargalhadas e o choro misturam-se como no resto do planeta. A's vezes o Vareiro faz discursos aos visinhos:

— Haja respeito... haja paz e união... O homem manda e a mulher obedece. Deus tirou a mulher da costella do homem.

— Calla-te, bebedo!

— Bebeda é você, sua ramelada!

Acontece tambem que todos elles pegam a soccar-se. As mulheres arrepellam-se, batendo palmadas furiosas e puxando-se pelos cabellos

e os homens atiram-se uns aos outros, emquanto a filharada chora e as raparigas gritam:

— Quem acode! Quem acode!...

A balburdia acaba ás vezes d'uma forma mais comica. Salta o Vareiro para a rua, meio nu, feio e negro, rindo como um satyro borracho:

— O' meninas qual de vós escolhe o velhote?

— *Sume-te*, porco!

E as risadas echoam na viella que tresanda a peixe, suja, infecta, cheia de sol, com as tôcas de madeira encostadas umas ás outras.

Este homem no mar é um valente. Nunca bebe quando tem de embarcar. E' sobrio e infatigavel. Ri sempre. E' dos melhores homens da companha, alegre, animando os outros no perigo, com o riso da sua bocca desdentada e ditos maliciosos. Amam-n'o. Quando ficam no mar alto, nas noites estiradas, elle é quem conta historias, casos e quem commenta a vida. Os outros levam nas cestas vinho ou aguardente, elle não bebe senão agua.

— Porque não bebe, tio?

— Isso é uma historia... Tem que se lhe diga, não vae assim á primeira.

— Um gole d'aguardente, vá!

— Nem tanto como isto... Caso que aconteceu e que nunca mais me esquece. Tenho p'ra toda a vida.

— Então conte...

Mas elle sorri-se com a bocca desdentada, accende o cachimbo e emmudece.

RAUL BRANDÃO.

POITIERS

O SEQUESTRO de Poitiers é o mysterio mais tragico que ha muito surge entre os acontecimentos criminosos. Mysterio sem explicação, que chega a ser uma aberração humana. Pois quê? N'uma terra de provincia, em França, pacatamente, modestamente, honestamente vive uma familia respeitada e estimada, composta de Mr. Monnier, o chefe, decano da Faculdade das letras da velha cidade franceza, sua mulher e dois filhos, uma gentilissima menina e um bello rapaz. Ha, pouco mais ou menos, trinta annos, morre o pae, e Madame Monnier fica viuva ainda nova, com dois filhos a educar. Branca, trigueirinha gentil, graciosa e alegre, desapparece repentinamente, poucos dias depois da morte de seu pae, e o seu desapparecimento causa certa impressão no sitio. O que foi? O que não foi? Uma doença de cabeça, allucinação, loucura, qualquer outra cousa! Um tratamento mais cuidado em uma casa de saude! E depois a volta para casa, sempre doente, sempre fraca de entendimento, talvez sempre doida! E por fim a delicadeza natural de lhe não citar o nome deante da mãe, a reserva d'esta em fallar d'ella, o esquecimento de todos. Era uma vez Branca, a trigueirinha gentil, graciosa e alegre de outros tempos, que acordára com as suas gargalhadas infantis os gorgeios dos rouxinoes, e apagara com os seus trinados de creança a tristeza no coração dos velhos...

A viuva Monnier, na sua casa de Poitiers, vive sosinha. O filho Marcel Monnier segue a carreira administrativa, em pouco é nomeado sub-perfeito para Puget-Theniers, casa com uma hespanhola, pede a exoneração e volta a Poitiers, a viver tranquillamente em uma casa alugada, em frente da de sua mãe, a vida pacata e tranquilla de provincia.

Mad. Monnier,
Fallecida em 14 de junho

As habitações da mãe e do filho formam no seu interior o contraste mais frisante. A viuva Monnier, sempre só, não recebe ninguem, excepto o filho. Este, ao contrario, casado com uma mulher encantadora e amavel, tendo uma filha adoravel, leva uma existencia verdadeiramente mundana, offerecendo jantares, recebendo visitas, relacionando-se com toda a sociedade da terra. Emquanto os salões d'elle se abriam á alegria e ao divertimento, as janellas da mãe, hermeticamente fechadas, n'uma avareza que se tornou notoria, conservavam como que n'um cemiterio esse interior formado por ella, viuva e triste, por uma antiga creada, e por outra creatura em que ninguem já falla, em que ninguem pensa. De repente, morre a velha creada, e não ha remedio senão substituil-a. Succedem-lhe duas raparigas novas, cujos nomes teem de ficar registrados porque é muito possivel que tenham sido para a gentil trigueirinha de outros tempos, generosa e alegre, como que o clarim da alvorada em que ella hoje se sente reviver: Eugenia Thabot e Julieta Dupuy.

Um bello dia, agora, pouco depois das duas raparigas terem entrado ao serviço da viuva Monnier, o commissario de policia recebe uma carta anonyma, denunciando que na casa d'ella, existe, ha 25 annos, sequestrada n'um quarto escuro, sem ar e sem luz, privada de cuidados, de alimentos, de hygiene, a pobre Branca. Acto continuo, no fim do mez passado, o magistrado francez dirige-se a casa de Madame Monnier, que se nega. Vae em frente a casa do filho, que o recebe mal, desculpando-se de não poder mostrar-lhe a irmã, porque é contra ordem expressa do medico. Então, o commissario de policia, usa da sua auctoridade, entra na casa Monnier, faz abrir todas as portas até que encontra o quarto, onde está encerrada a gentil trigueirinha de outros tempos.

Lá dentro a maior escuridão, um fetido nauseabundo sahe pela porta, vinte cinco annos são passados, tudo ali dentro é trevas, mysterio, maldade e miseria. Pouco a pouco o magistrado e os seus companheiros vão-se fazendo á escuridão, e distinguem um vulto; especie de bicho que se agita na penumbra, entre palhas, dejectos e immundices, coberto de bichos; esqueleto vivo, descarnado, horrivel; ente humano, desfigurado, completamente nú, aterrado, ar bestial, balbuciando apenas curtos monosyllabos; desfigurada, outra, completamente mudada em um ser, sem classificação, a gentil trigueirinha de ha tantos annos que acordava com as suas gargalhadas crystalinas o gorgeio dos rouxinoes e apagava com os seus trinados a tristeza dos velhos.

Mas que significa tudo isto? Pede-se a rasão de toda essa tragedia, e não se encontra senão o mysterio mais profundo. Mãe e filho são presos, a pobre Branca é levada para o hospital, e então é ver, pouco a pouco, assistir minuto a minuto, ao desabrochar d'essa pobre alma, enterrada viva, d'esse cerebro illuminado como por encanto, por tudo quanto é vida, saude, hygiene. Branca nasce, dia a dia vae tendo a noção da luz, do ar, da vida que de novo lhe sorri, não já atravez dos seus vinte annos floridos e alegres, mas n'uma ressurreição que tem qualquer cousa de sobrenatural e de divino...

E' o retrato d'ella que o *Brasil-Portugal* hoje dá, ao lado do retrato da mãe, que acaba de morrer na prisão de Poitiers, sem ter sequer explicado o caso tenebroso do sequestro da filha. Quanto ao irmão Marcel, o sub-perfeito estimado, o mundano *recherché* e amavel, cujos salões resplendecentes de luz formavam contraste tão frisante com o palheiro em que jazia a irmã, esse, preso ainda, começa agora a soffrer. O estado da sua saude é alarmante. Receia-se que endoudeça...

E a explicação? Mysterio sempre. Rejuvenesce a Branca, graciosa e alegre, companheira juvenil do respeitavel decano da faculdade das letras de Poitiers, mas rejuvenesce entre um tumulo que se fecha, e outro que se abre...

A sequestrada de Poitiers
Photographia tirada no hospital

Do livro em preparo: *Garganta de oiro.*

Noite velha

Noite velha; céu triste... sinto passos
A beira do portal...— uivam rafeiros,
Choram nervosamente os castanheiros
Erguendo ao céu os engelhados braços!...

Batem-m'á porta, — saio — os membros laços, —
Vejo a sombra da treva entre os salgueiros,
E o vento enfuna os collossaes pinheiros
A rir, a rir, n'um estreitar de abraços!...

«Quem és? Quem és? — pergunto... Geme o vento,
Gargalha o mar além: (o Soffrimento!...)
«Responde-me, por Deus, sombra perdida!...

E, nas dobras sinistras do seu manto,
Ouvi assim, n'um mysterioso encanto:
«Eu sou a Morte, vou levar-te á Vida!»

1901 — Lisboa.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

PILOTO PRETO

Em maio de 1881 a canhoneira portugueza *Sado* subio o rio Zaire até Boma, e amarrada ás arvores da margem em frente das feitorias, permaneceu por alguns dias emquanto não se resolveram umas pequenas questões policiaes.

Sahiu do rio de Banana de madrugada, pilotada pelo cabinda Sulla, montou a ponta de Bolambemba, subiu o rio contornando a margem esquerda pela Sissania, Ilhetas, Pedra do Feitiço, Sacarambaca, até que amarrou em Boma ás 4 horas da tarde. A corrente era de velocidade regular, excepto junto ao promontorio da Pedra do Feitiço onde tumultuava violenta.

Ao passar a rastejar com o arvoredo do *xinbéque* da Sissania ouviu-se no matto o vozear de muita gente, e o practico, que ía na ponte ao lado do commandante, não gostou, e foi-se discretamente afastando para o bordo opposto ao mattagal, e abrigando-se com o mastro, com medo d'algum tiro d'emboscada.

Logo que uma volta da margem abrigou da viração do largo, a temperatura tornou-se abrazadora, 41° centigrados marcou o thermometro á sombra das amuradas. A roda do leme era a ré no salto do tombadilho, e os toldos iam ferrados para bem se poder descobrir as marcas pelas quaes o timoneiro ía governando.

Mestre Sulla era um cabinda baixo, magro, velho, e de olhar intelligente. Vestia camisola branca d'algodão com o nome bordado no peito a linha preta, panno azul, chapéu de palha de aba larga, trazendo como adorno ao pescoço um bocado de coral enfiado n'uma cerdas d'elephante, manilha de cobre no braço esquerdo, com o seu *manipanso* tutelar borrifado d'aguardente, e entalada na fita do chapéu uma penna encarnada de papagaio, um pouco inclinada, garrida, petulante, destacando-se alegre, contrastando com á côr do mangue do littoral, do *capim* ondulante das ilhotas, e da agua barrenta dos ribeiros.

Vigilante na navegação o cabinda, que por ali cruzára por largos annos nos hiates da cabotagem e nas embarcações das feitorias, conscio do papel que desempenhava, ía satisfeito, e quando o navio dava qualquer guinada a desviar das pedras, a contornar um tronco debruçado para o rio, ou para mudar de rumo e andar a outro enfiamento, mestre Sulla tirava o chapéu, afagava a pluma avermelhada, depois punha o chapéu á banda *pacholando*, com ares solemnes fazia signaes ao timoneiro, e depois, firme agarrado ao luzente corrimão da ponte de commando, continuava na sua faina de bem pilotar a canhoneira.

Aos pés d'elle, sentado nas taboas, envolto n'um panno da costa de riscado, a cabeça exposta á soalheira, agachava-se um *muléque*, que mestre Sulla esplicava: ser ainda criança, e andar estudando para piloto. Luzia-lhe o olhar quando o patrão lhe indicava as arvores, as malhas das barreiras, as curvas das collinas pelas quaes ía governando, e o rapaz attento gravava na memoria os varios capitulos do roteiro fluvial, de que o velho era eximio sabedor.

Ao chegar a Boma, mal o navio amarrou, piloto e aprendiz dispunham-se a ir para terra, caminho da *sanzala*, onde o rufar d'um tambor annunciava para a noite a dança do *batuque*.

A pena de papagaio oscilava no chapéu dando ao sujeito um aspecto de *qubanda*, grande artista de *milongos* e *feitiços*, o que lisongeava o preto, e lhe augmentava no seu povo a reputação de rico e de lettrado. Tal conceito devia-o á singularidade do adorno, e não a ser um dos melhores praticos do rio, occupação a que nenhum dos *principes* da *sanzala*, por ignorancia, ligava grande apreço.

De longe em longe visitava a sua boa terra de Cabinda. Vinha de andar com os *moana-calunga*, os filhos do mar, os portuguezes. Ganhára dinheiro para pagar o dote da mulher com quem casasse, e já fôra noivo por varias vezes, trazendo depois as companheiras na ingrata cultura dos *arrimos*. Apezar de velho, mestre Sulla era o enlevo dos paes de familia, caçadores dos dotes das raparigas desposadas.

O mar, ou melhor ainda o rio Congo, era para elle uma fonte de riqueza e de ventura.

Desenho de J. Braz d'Oliveira

Um dos rapazes do navio pediu-lhe a pena de papagaio. O cabinda deu um salto, agarrou o chapéu com ambas as mãos, conchegou o ao peito, e gritou afflicto temendo a perda do thesouro.

—Senhor, o pena é *fetiço grande*. Sem esta pena vermelha Sulla encalha as embarcações, não sabe mais ser marinheiro, perde todo o officio de piloto.

E lá se foi bamboleando terra dentro, caminho da *sanzala*, seguido do discipulo, a quem mais tarde talvez cedesse a pena milagrosa, como premio de serviço e attestado de pericia, bem mais valioso para elle do que todas as cartas de piloto sem limite, passadas por auctoridades competentes.

E fossem lá fallar-lhe mal do seu *feitiço!*

A' volta para baixo o Sulla pilotou a *Sado* optimamente. O precioso talisman acompanhou o dono, tremulando petulante no chapéu de palhinha da Madeira.

João Braz d'Oliveira.

Fernando de Oliveira

Ricardo III, na batalha de Bosworth, em que teve a desgraça... ou a fortuna de ser morto, offerecia o seu reino por um cavallo: tal era a importancia que o malaventurado monarcha ligava ao que parece tão simples,—a posse d'um cavallo! O meu reino por um cavallo!

Assim diria tambem Fernando de Oliveira antes de descobrir a joia do seu *Bucellar*, se possuisse um reino, uma corôa que offerecer.

E' que a este grande e pundonoroso artista parece coisa tão difficil e grave encontrar *um cavallo* como difficil e grave parecia a certo philosopho pessimista da antiguidade encontrar um *homem*, apezar de o procurar, de lanterna accesa á hora do meio dia em plena Athenas.

Com effeito, um cavallo para o Fernando ha de ser dotado de condições tão raras e excepcionaes como as que realçam o estylo do toureio do cavalleiro, pois que tudo n'este mundo é relativo.

Quizera eu descrever o toureio de Fernando de Oliveira tão exactamente que os leitores recebessem a impressão de estar a vel-o na arena. Mas confesso que não sei descrevel-o como elle é, quasi sempre sereno, invariavelmente valoroso e ardente, ás vezes nervoso ou antes caprichoso e *entêté*, tudo conduzindo a um fim que está acima da perfeição e chega ás imminencias do sublime.

Não me lembro se foi Seneca que disse que «quando se tem medo, o mais seguro é andar para a frente». Eu ignoro se este Fernando de Oliveira já alguma vez experimentou diante da rez mais respeitavel o que se chama a sensação do medo. Se alguma vez a experimentou estou seguro de que n'esse momento pensou como o grande escriptor latino. Diante dos perigos, no commum dos homens, os nervos impellem á fuga; em Fernando nunca pude observar movimento nervoso em presença dos touros que o não fizesse approximar mais ainda das hastes da féra.

Expliquemos, porém, o que eu chamo *movimento nervoso* em Fernando de Oliveira, para que não venham as falsas interpretações e não vá alguem julgar desde hoje que esse bravo rapaz já alguma vez perdeu, como popularmente se diz, as estribeiras, e se lançou desvairado e inconsciente no perigo. Quanto a mim não ha valentia legitima quando, por ignorancia ou perturbação, se desconhece o perigo ou não se está em estado de medir as consequencias de qualquer acto.

Ora, Fernando de Oliveira é homem a quem nunca vi perder a côr das faces. Pelo contrario, n'esses quasi imperceptiveis accessos de nervosismo a que me quero referir, acontece ás vezes accender-lhe um pouco de rubor ao rosto. A isto chamaria eu pundonor, brio profissional, dignidade pessoal,—tudo quanto os hespanhoes resumem n'estas duas palavras sem traducção: — *verguenza torera*.

Como venho aqui hoje prestar uma homenagem duplamente merecida a Fernando de Oliveira, como cavalleiro e como cavalheiro—tambem como cavalheiro, embora a distincção e a delicadeza de sentimentos pareçam coisas indifferentes quando se trata de apreciar um artista—, mas não trago ideias de o lisonjear como servil aduladoor, direi propositadamente que elle, se como toureiro é sublime, excedendo em muito o grau da perfeição, como equitador tem seus defeitos, embora pequenos.

E demais, qual é o artista que não tem defeitos—ao menos os das suas qualidades? Por causa do passo a traz deixou *Lagartijo* de ser uma notabilidade? Pela pobreza da sua muleta deixou *Frascuelo* de ser o emulo de *Lagartijo*? Por causa do sapateado não foi *Espartero* um grande matador? *Guerrita* deixou de ser um phenomeno artistico por causa das suas posições pouco estheticas, ás vezes, e por entrar a matar com excessiva rapidez? Certamente que não. E direi mesmo que os defeitos não se manifestam senão onde ha notavel exhuberancia de qualidades.

E' isso que eu reconheço em Fernando.

Continuarei forçejando por dar uma ideia, ainda que desmaiada, do modo de tourear de Fernando de Oliveira.

Tratando-se d'um touro bravo, nobre e voluntario, o seu trabalho adquire um luzimento que chega a arrebatar todo o publico com a incomparavel eloquencia da arte: os lances de valor e dextreza succedem-se com resultado feliz, e todos se enthusiasmam até ao delirio, quer sejam peritos quer sejam profanos. As pessoas mais sérias perdem a sua gravidade e insensivelmente põem-se de pé, batem palmas e soltam bravos estridentes. Esta é a arte facil, intuitiva, ao alcance de todo o entendimento e que se impõe por si mesma. N'esta arte tudo se combina e se conjuga para uma consequencia: o *exito*.

Mas o artista da raça de Fernando não precisa encontrar semelhantes occasiões propicias para revelar o seu immenso valor, por outras palavras, não é victorioso sómente na felicidade—e n'este caso a felicidade é o touro claro e manejavel. Touros bravos toureia-os elle a brincar e sem despender a grande reserva de arte que não mostra ao publico n'essas occasiões, por inutil. Onde ha que o admirar é onde o grosso publico menos o admira, que é nos touros que offerecem difficuldades, que são os de sentido e *sabem latim*, e ainda nos mansos que se tapam.

Ha rezes de muito poder e espantosas faculdades que se reservam e não arremettem senão quando veem o vulto muito em curto, e dão então, n'este caso, umas arrancadas extremamente impetuosas e rapidas, cortando terreno e tapando as sahidas ao cavalleiro. O vulgo, que, como disse Victor Hugo, é um velho Narciso que se adora a si proprio e applaude o que é vulgar, escassamente comprehende o que seja tourear um touro nas condições que deixo apontadas, mesmo porque as condições differentes das rezes lhes passam quasi sempre despercebidas.

A parte ignorante do publico não attende á maneira de realisar uma sorte: condições da rez, maneira de citar e entrar, remate perfeito, sahida limpa e airosa são coisas que escapam á sua perspicacia. O que quer saber é se o ferro ou ferros ficam no logar que julga conveniente.

Mas as pessoas que *sabem ver* extasiam-se diante de tanto arrojo, tanta mestria que caracterisam esse trabalho eminentemente artistico.

Sem correrias, sem apuros nem sustos, Fernando de Oliveira em presença d'um touro de sentido e sabichão é inimitavel. O publico assiste a um interessante duello entre a velhacaria da fera temivel de força e a pericia do cavalleiro admiravel de serenidade. O cavallo é obrigado a ir mais além do ponto em que está o perigo, e se não é tambem um *toureiro mestre*, tem de ser d'uma obediencia passiva absoluta.

Eis porque Fernando de Oliveira difficultosamente encontra *um cavallo* ainda que accenda a lanterna de Diogenes.

Em certos touros abantos, em que outro cavalleiro não quebraria uma farpa, Fernando colloca quantas quer, tornando bravo o bicho que ha pouco estava inteiramente manso, á força de o citar em curto e de lhe offerecer o cavallo. Quantas vezes o cavallo, se fosse um racional, perguntaria a si proprio: Teria enlouquecido este sujeito?

Fernando de Oliveira tem toureado por diversas vezes, em Hespanha, *toros em puntas*, desenvolvendo ali a mesma boa arte, admiravel coragem e inexcedivel galhardia que em Portugal lidando rezes embaladas. Os *pitones* não o assustam; não tiram nem põem nada ao seu toureio empolgador. Para elle não existem *pitones*; só vê *morrillos*, e para chegar a estes sem desaire não são aquelles um obstaculo.

Da ultima vez que foi a Hespanha, toureando com Joaquim Alves, na corrida de beneficencia realisada em Madrid, em junho de 1900, cravou dois rojões com excellente arte e infinita valentia no alto da cruz, isto é, no sitio em que os matadores devem cravar o estoque. A ovação foi delirante.

N'essa epoca de 1900 toureou Fernando em quarenta e tantas corridas, sete das quaes no espaço de oito dias, o que é admiravel, sem ter soffrido a mais leve colhida! Teve um pequeno desastre a registar n'essa epoca, mas não no exercicio da lide: foi o caso que achando-se entre barreiras e distrahido a conversar, saltou um touro, que o magoou.

Eis o meu depoimento ácerca d'esse artista excepcional.

29 de junho, 1901.

Santonillo.

P. S.—Estas duas gravuras são reproduzidas de primorosos clichés devidos á pericia e arte do distinctissimo amador photographo sr. commendador José Albino Pereira de Carvalho, que possue um magnifico *atelier* na sua propriedade em Ariosa, Vianna do Castello.

Exposição de Bellas-Artes

A impressão que trouxe das minhas visitas á Exposição é que a technica tem progredido extraordinariamente entre nós, mas que vão desapparecendo os temperamentos originaes, e não vejo abrir, como uma clareira, um caminho novo e illuminado por onde sigam, cheios d'audacia, os novos de talento.

Os mestres reproduzem os seus quadros, com a factura mais segura, a mão mais firme, affeita ao trabalho; os novos seguem como que servilmente os antigos, sem procurarem inventar, crear novos ideaes, senão mais poderosos, mais claros que os d'hontem, pelo menos outros.

Faltaram a esta exposição Columbano e Teixeira Lopes, as mais puras glorias artisticas, os mais individuaes, aquelles cujas obras fazem pensar e sentir. Carlos Reis só expõe um pequeno retrato de creança, que não posso louvar, pelas suas durezas; a côr é boa, mas o desenho é duro.

Afóra a representação d'estes trez artistas, cuja falta é sensivel, a media é talvez superior á do anno passado, mercê, um pouco, das telas d'alguns pintores novos, que mostram as suas primicias prometteadoras, sendo algumas já realisações quasi perfeitas, como os quadros de composição de Ayres de Gouveia, um quadro de Adriano de Sousa Lopes, um retrato de Constantino Sobral Fernandes.

As honras da exposição cabem, sem duvida, a Malhôa, que se apresenta galhardamente.

Um dos seus melhores quadros é o retrato da sr.ª Condessa de Mossamedes, d'uma factura larga e solida, d'um magnifico desenho e côr sobria (n.º 80).

Salgado tambem tem um magnifico retrato do coronel A. A., energico no desenho e na pintura e um esboço, estudo para o retrato de El-Rei, bella mancha, com o defeito da cabeça ser muito pequena, mas é movimentado o fundo de tropas e ao longe o rio e os outeiros da *outra banda*.

Prosigamos, porém, por salas.

Na primeira sala de pintura a oleo ha a notar, além dos quadros de Malhôa e Salgado, de que falo, dois grandes retratos de senhora, ainda de Malhôa (n.ºs 78 e 79) e um pequeno retrato vigoroso (81).

Ayres de Gouveia tem, nesta sala, um dos melhores retratos da exposição, (n.º 48): o retrato de m.elle M. F. A., pequeno medalhão, fresco, sobrio, feito largamente; de Sobral Fernandes o do sr. Caggiani, admiravel estudo de cabeça e mão; de Ramalho um retrato de Ferreira da Silva, bem pintado e bem desenhado, mas com imperfeições, e um encantador retrato de creança; em paisagem e composição é ainda Malhôa o triumphador, pelos dois lindos quadros que expõe, cheios de sol, d'uma tonalidade quente, como não estamos habituados a ver, paisagens que sentimos portuguezas, luminosas, de ceus nitidos e arvores viçosas: *Cebolas* (75) e *Estudo* (77). As figuras são sadias, são verdadeiras camponezas, trigueiras e fortes. Ha, talvez, no *Estudo* um excesso de branco, as roupas a seccar.

Ha ainda um delicioso quadro de Malhôa, *Uma desgraça* (n.º 76), pittoresco, mas a expressão das figuras não é justa. *Rabicha-á-bicha* (n.º 13) da sr.ª D. Zoé Wauthelet, é um quadro simples, ensolado, em que, numa paisagem doce, com atmosphera e perspectiva, segue, em *bicha* um colorido bando de creanças; a *Primavera* do sr. Galhardo (n.º 43) é uma paisagem tranquilla e poetica, mas a tonalidade luminosa do céu é differente da das arvores; o sr. Christino da Silva tem alguns quadros de paisagens brasileiras, sendo a melhor o n.º 25; do sr. Condeixa ha a notar *Paisagem de Palaiseau*, em que, sob um sol convalescente, se estende uma paisagem pacifica; composições, poucas, e de notavel apenas o quadro do sr. Sobral Fernandes, *A peste expulsa os castelhanos do cerco de Lisboa*, em que um anjo plana numa admiravel e nobre attitude sobre o exercito castelhano, que parece estar parado. Muita gente, no longiquo ainda ha lanças a apontar, mas ninguem se move, parecendo que os castelhanos não estão muito resolvidos a obdecer ao anjo. Do sr. Ayres de Gouveia ha ainda uma cabeça de santo magnifica de expressão e de factura; do sr. Sobral Fernandes: *O amigo das creanças*.

Na sala immediata, em retratos nada de notavel; a considerar, o retrato do sr. Trigoso, de Rebello Junior. Ha um bello quadro de composição (71) do sr. Adriano de Sousa Lopes, *Engano d'alma ledo e cego*; uma paisagem cuidada, luminosa, dois amorosos; falam em baixo, numa depressão, trez mulheres, que já foram amantes, entristecem ou desesperam-se. Ha bellas qualidades de paisagista neste pintor que começa. Algumas academias são bem tratadas, mas o estudo de figuras, numa côr suave, não vale o da paisagem. E', porém, um quadro que honra, e, como estreia, é admiravel; outros quadros são dignos de vêr-se: o *Eterno escravo!* de Freire (n.º 39) estudo do nú, alguns estudos de bruma da sr.ª viscondessa de Sistello, uma *Onda*, da sr.ª D. Fanny Munró, um retrato de creança (n.º 137) de Sobral Fernandes. Vaz continua a cultivar as marinhas bonitas, muito lavadas, domingueiras; bem pintadas, com manchas de luz, mas eternamente as mesmas, sem uma impressão de mar, apenas uma impressão de limpeza. *Uma aldeia de Vidago*, d'este auctor, (n.º 143) é um quadrinho claro e agradavel.

Na sala, á direita, numa parede, quasi até ao tecto, as obras offerecidas a S. Magestade a Rainha para que o producto da venda reverta a favor da Assistencia Nacional dos Tuberculosos. A notar: uma cabeça de velha, de Columbano, vigorosa e solida, em tintas quentes, pequena obra prima, em que sobre a certeza do desenho ha a sobriedade e a elegancia da côr; uma pequena paisagem de Carlos dos Reis, luminosa e suave, com a mancha d'um grupo; factura larga; a *Picota*, de Malhôa, poetico trecho de paisagem, com uma esbelta camponeza; o claustro da sé de Lisboa, de Fernandes; um quadro de Jorge Colaço, *Contraste*, cheio d'humor; na mesma sala duas magnificas composições de Ayres de Gouveia: O Christo morto (n.º 49) e A Palavra do mestre (n.º 52), quadros d'assumptos religiosos. Sobre o cadaver de Christo duas figuras femininas illuminadas, debruçam-se, chorosas. E no escuro um grupo. A carnação das figuras é magnifica, o desenho é solido, quasi sempre, o grupo de mãos está bem tratado e sobretudo ha admiraveis effeitos a claro-escuro. E' um bello quadro, e, como composição, não vejo melhor. *A palavra de mestre* accusa as mesmas qualidades e a mesma felicidade nos effeitos de claro-escuro. O retrato do sr. Bispo de Bethsaida (n.º 51) é mau, quer como desenho de figura, desproporcionada, quer como coloração do rosto; o vestuario é bem tratado.

Lenço gothico
(D. Maria Augusto Bordallo Pinheiro)

Ainda ha uma outra sala, em que figuram os pastellistas, aquarellistas, architectos, etc.

Entre os aquarellistas cabe o primeiro logar a Ramalho, assim como entre os desenhadores. A sua aguarella *O actor Ferreira da Silva no cardeal D. Henrique* (n.º 48) é magnifica como impressão e como factura, larga, vigorosa, fresca, tem espontaneidade. *Os moinhos do penedo* de Roque Gameiro teem uma larga perspectiva e um certo encanto. Ainda, a citar, o *Caes das columnas* (n.º 210) de Moraes.

Pasteis: *Antes da caçada*, de El-Rei, revela as poderosas faculdades do sr. D. Carlos; a factura larga, a luz intensa, o vigor com que ataca os assumptos, a sua amorosa comprehensão da nossa paisagem fazem de S. Magestade o nosso primeiro paisagista e o mais nacional; a cabeça de Christo, de Ayres de Gouveia e o seu retrato de creança, tão fresco; um magnifico estudo de Francisco Teixeira, linda cabeça de mulher, extranha no louro pallido do cabello, na toilette verde; sente-se vontade de produzir novo; uma cabeça de mulher energicamente tratada (n.º 57) da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga, um retrato de Mattoso da Fonseca.

Em caricatura, alguns quadros de Collaço, um quadro a citar: *Consumatum est*, que lembra, pela intenção, Forain; dois *portraits charge* de Ressano, vigorosos, revelando um temperamento de caricaturista e uma maneira pessoal, embora não seja nulla a influencia de Léandre; duas manchas delicadas e curiosas de Francisco Teixeira.

Em architectura nada de notavel a não ser os projectos de construcção de Raul Lino, que tem vistas novas, procura e alcança typos de casas, inspirando-se quasi sempre na arte nacional e realisando conjunctos bellos e decorações artisticas.

A esculptura está disseminada por diversas salas; um novo, Costa Motta Junior, sobresae, destaca-se com os retratos dos sr.ª Guedes Teixeira, Costa Carneiro e Antonio do Couto. A sr.ª duqueza de Palmella tem um gracioso busto em bronze, de delicado acabamento; o sr. Costa Motta um delicioso busto de creança em marmore, delicado e bem executado.

Falta ainda falar da arte applicada, e pouco teremos que dizer. A execução é quasi sempre boa, mas os objectos expostos raras vezes re-

Os moinhos do penedo
(Aguarella de Alfredo Roque Gameiro)

A reza
(Quadro a oleo de David de Mello)

Retrato de minha filha Leonor
(José de Almeida e Silva)

A peste expulsa os Castelhanos do Cerco de Lisboa (1385)
(Quadro a oleo de Constantino Alvaro Sobral Fernandes)

Chegada da feira
(Quadro a oleo de Manuel Henrique Pinto)

Uma desgraça
(Quadro a oleo de José Malhôa)

Um nomada
(Quadro a oleo de Jorge Colaço)

— ... enganado d'alma ledo e cego
(Quadro a oleo de Adriano Lopes de Souza)

O actor Ferreira da Silva (no Paulano)
(Aguarella de Antonio Ramalho)

Caes das Columnas
(Alfredo Januario Moraes)

Retrato de Miss Marcden
(Alfredo Guedes)

velam originalidade. Alguns expositores chamam *arte nova* a algumas producções que por vezes não chegam a ser arte. Citemos, entretanto, como mobilia elegante e de facto moderna, influenciada pela arte ingleza, uma secretaria e duas cadeiras; as medalhas de Ventura da Camara são d'um desenho elegante e execução delicada.

A sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro continua a fazer arte nacional e bella nas suas rendas verdadeiramente portuguezas, delicadas e nobres. Fez uma tentativa muito *réussie* de rendas em oiro. M.elles Coruche expõem um mostrador de pintura em louças, delicada e fina, predominando motivos Luiz XV.

Leitão & Irmão, os conhecidos ourives, entre trabalhadas jarras de prata expõem umas esplendidas applicações de filagrana d'oiro sobre crystal.

Alguns discipulos e admiradores do fallecido pintor José Ferreira Chaves organizaram uma exposição das suas obras, mais notavel em quantidade do que em qualidade

Chaves foi um pintor honesto, que trabalhava com afinco e boa vontade nas horas vagas da repartição, mas foi sempre medroso. O desenho é correcto, a côr é muitas vezes certa e eis tudo. Não ha uma faúlha de talento creador.

Eis, rapidamente, passada a revista á primeira exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

Desejariamos que, conservando a facilidade e segurança da technica, os nossos artistas nas ulteriores exposições fossem mais pessoaes e nos mostrassem um resurgimento da arte portugueza, manifestamente decadente por causas multiplas, cujo estudo alongaria demasiadamente este artigo.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

CARTA ÁCERCA DO AMOR

(FRAGMENTO)

Ah, meu amigo, poupa-me á ferina
Setta do teu sarcasmo despiedoso,
A lição que me dás nada me ensina
E o fel que verte me envenena o goso.

Scepticamente ris porque acredito
Que amado sou por uma certa dama;
Ris-te da febre nova em que palpito,
De mim, que a amo, e d'ella, que me ama,

Illudimo-nos ambos, — eu e ella?
Ou eu sómente? Ou ambos acertamos?
Ouve. A mulher é sempre, feia ou bella,
A Promissão, para onde caminhamos.

Dois olhos grandes, uma bocca breve,
Um collo airoso, uns dentes nacarados,
Só isso... E um homem casa, um outro escreve,
Navega um outro mares enraizados;

Uns labutam na paz, outros na guerra,
E todos, no palacio ou na choupana,
Humilde preito rendem sobre a terra,
Á feminina força soberana.

Se alguns conhecem, muitos desconhecem
O iman que os chama e arrasta, noite e dia,
Travez a vida, e a que elles obedecem
Como as aguas do mar á lua fria.

Por ella é que porfiam na renhida
Batalha da existencia, disputando,
Instante a instante, esta illusoria vida,
E do tempo os estragos disfarçando.

Por ella, este devassa a Natureza
E aquelle uma alma insuffla á pedra dura,
Outro arrosta das feras a fereza
E um outro os astros conhecer procura.

E' só pela mulher que tantos braços,
Cerebros tantos sem cessar trabalham;
Que ha milhares de tectos nos espaços
E tantas naves pelo mar se espalham.

Por ella José humana-se, rendido,
Neptuno geme e se enfurece Marte.
De Venus ao poder appetecido
Homens e deuses vêm de toda parte.

Sylvanos, faunos, satyros, silenos,
Cyclópes, agipans, monstros medonhos,
Caem das frondes, surgem d'entre os fenos,
Desde que o amor lhes apparece em sonhos.

Não me enganaes, philosophos profundos,
Negando o amor com ares importantes;
Se o amor domina os infinitos mundos,
Porque vos não dominará, pedantes?

Como se o fructo a flôr repudiasse,
Negaes o Amor! Mas quem vos acredita
Vendo o rubor que vos aquece a face,
Se divisaes uma mulher bonita?

Amar é, pois, a lei; e a lei respeito.
Amei, amo, hei de amar. Verbo sublime!
De conjugal-o não se cança o peito...
Não conjugal-o é que seria crime.
. . . . . .

Valentim Magalhães.

Conde de Mesquita

O sr. conselheiro Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, recentemente agraciado pelo chefe do Estado com o titulo de conde, é um cavalheiro distinctissimo, antigo escriptor dramatico, antigo deputado e vogal do conselho superior das alfandegas.

Pertencente ao partido regenerador, que acompanhou sempre com grande lealdade desde o tempo de Fontes Pereira de Mello, de quem era sobrinho e que muito o estimava o illustre titular cujo retrato vem hoje enriquecer a nossa galeria, é, pelo seu porte sempre correcto, pela sua intelligencia tantas vezes manifestada, e pelo seu caracter serio, bem digno da alta mercê que acaba de lhe ser conferida.

NO BAILE DO PAÇO

MODAS

Fig. 1
Chapéu *Duchesse*

Chapéu Duchesse

Fig. 1

Genero marquez do seculo XX

Este chapéu em palha azul pallido tem a aba orlada de palha preta e de duas estreitas fitas de velludo da mesma côr. Grande laço de seda preta, ao lado, seguro com uma fivella dourada. As pontas d'este laço passam por cima da aba, atravessam a copa sendo ahi presas com um broche dourado, genero egypcio, d'um trabalho dos mais artisticos.

Vestido de passeio

Fig. 2

Lindo e elegante este vestido de *homespun* côr de rosa, cuja sáia, cortada em fórma, é guarnecida com tres bandas onduladas de fina pelucia, côr de rosa mais claro, e de uma estreita guarnição de *guipure* russa.

O bolero fórma corpo atraz e é preso por um cinto de pelucia. As frentes soltas abrem sobre uma camiseta de gaze branca em pregas miúdas, presas ao meio por fitas de velludo preto, que se crusam no peito. As bandas do bolero são formadas por uma bella renda *guipure* sobre pelucia côr de rosa. Manga com a mesma applicação sobre um tufo de seda branca.

Chapéu de grossa palha entrelaçada com uma corôa de rosas sob a aba e duas grandes pennas pretas sobre a copa.

Chapéu Ceres

Fig. 3

Em palha da Italia, muito leve e gracioso, este chapéu tem apenas como adornos, tufos de rosas e laços de velludo preto sob a aba, que é ondulada, e em volta da copa.

Fig. 3
Chapéu *Ceres*

Fig. 2
Vestido de passeio

Fatos de banho

Fig. 5 e 6

O primeiro em sarja creme é guarnecido de galões escarlates. O cabeção e as pequenas mangas tem um folho pregueado escarlate.

O segundo fato de sarja branca tem a enfeital-o um bordado azul. Tanto o calção como a blusa e os tufos das mangas são em sarja azul

Fig. 4
Matinée

Matiné em surah rosa

Fig. 4

De apparencia complicada mas de feitio muito simples é a *matinée* que representa a nossa figura 4. Costas direitas, pregueadas e com um macho ao centro. As frentes abrem sobre um colete egualmente pregueado como as costas.

Grande cabeção quadrado guarnecido de renda, caindo em elegantes coquilhas até á borda, que é tambem guarnecida com uma ordem de renda em pregas.

Laço de fita na cintura e manga direita ornada de entremeios e apertada no punho d'onde sae um folho de renda.

Gola alta cortada em bicos guarnecidos de entremeios.

Fig. 5 Fig. 6
Fatos de banho

Anno III — 16 DE JUNHO DE 1901 — N.º 58

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão
Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50
Paginas supplementares: Off.as Escrello Nunes & F.ª
Rua d'Assumpção, 18 a 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjó Tavares
Editor — Luiz Antonio Sanches
Redacção e administração — Rua do Carmo, n.º 15, 1.º
End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

Estados Unidos do Brasil		Portugal		Ilhas, Africa e Estrangeiro	
Anno	36$000	Anno	5$400	Anno	7$400
Numero avulso	2$000	6 mezes	3$000	6 mezes	4$000
Moeda brasileira		3 mezes	1$500	Numero avulso	$400
		Numero avulso	$300		

SUMMARIO

Principe Real—Augusto de Castilho.
Rainha de Italia.
A tourada real.
Mademoiselle Judith — Versos de Jayme Victor.
Historia do batel «Vae com Deus» e da sua companha — Raul Brandão.
O sequestro de Poitiers.
Noite velha—Versos de Faria Machado
O Piloto Negro—João Braz de Oliveira.
A exposição de pintura — Henrique de Vasconcellos.
Carta acerca do amor—Valentim de Magalhães.
Conde de Mesquita.
Fernando d'Oliveira — Santonillo.
Modas.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Capas para o «Brasil-Portugal».
O nosso agente no Porto.
Consiglieri Pedroso.
O ninho das toutinegras — Leon Bresil.
A armadilha—(Conto mudo).
Tauromachia—Egydio de Almeida.
O NOSSO JORNAL—*(A quinzena noticiosa).*
Cartaz da Quinzena.
Anedoctas.
A esperiença do Bébé—(Conto mudo).
O CEGO—Romance de Perez Galdós.

54 illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empreza do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul). Coronel Theodulo Pupo de Moraes e José Martins Pelto, Rua da Alfandega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARÁ — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 34.
MANAOS—Jayme & Camara—Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO—Leonnio J. de Medeiros & C.ª
CEARÁ—Salles Torres & C.ª
BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palacio, 36.
PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOÇSAMEDES—Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUELIMANE—Henrique Jorge de F. Neves.
BENGUELLA—Matheus & Tavares.
LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.
BOLAMA (Guiné)—Oscar A. Gouveia da Silva Homem, Thesoureiro geral da Provincia.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Franceza—Rua Affonso de Albuquerque.

No Continente

EVORA. — (Agente geral em Evora e no Sul) Luiz Freire Correia, Rua da Ladeira, 18.
BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ª.
COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivó, 1-2.º
CASTELLO BRANCO—Pedro Augusto Pessoa.
ABRANTES—Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
ALCOBAÇA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde.
LEIRIA—Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
COVILHÃ—José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
PARO — Maya & Trigoso.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empreza encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empreza, 1$200 réis cada volume.

No Brasil custa cada capa réis 5$000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal.**

O nosso agente no Porto

Deixou de ser agente da Empreza **Brasil-Portugal** n'aquella cidade o sr. A. A. Couto Fernandes.

CONSIGLIERI PEDROSO

Por absoluta falta de espaço, retiramos d'este numero, depois de já composto, o artigo — *Politica internacional* — do nosso illustre collaborador o sr. Consiglieri Pedroso.

Irá no proximo numero

O NINHO DE TOUTINEGRAS

Encontraram-se n'uma segunda-feira d'Abril. Ella ia em passos miudos para o *atelier* de costureira. Elle passeiava.

Nada mais encantador do que esta juvenil creatura, com vestido de chita.

Um ramo, que trazia na mão, cahiu-lhe por acaso.

João apanhou as flôres, e, com cuidado, cheio de cortezia, apresentou o ramo áquella que o tinha deixado cair.

E, como as violetas estavam empoeiradas, accrescentou:

— O seu ramo nada vale, menina. Consinta que lhe offereça um outro.

Ella recusava, mas João já não a ouvia e comprava outras violetas a uma florista.

Os dois não se separaram.

Caminhavam agora lado a lado, como amigos.

— Chamo-me João.

— Eu, Emilia.

— Tenho vinte annos.

— Eu só tenho dezoito.

— Sou cinzelador, na rua de Turenne.

— Eu costureira, na rua de Santo Antonio. Sou orphã.

— Seria uma boa dona de casa.

O silencio tornou-se profundo entre João e Emilia.

O rapaz temia ser ridiculo. A rapariga perguntava-se se elle troçava d'ella!

Ninguem dissera tanto, estando calado.

— Amanhã? interrompeu João.

— Amanhã! respondeu machinalmente Emilia.

No dia seguinte e nos immediatos, João, quando acabava do trabalho, passava e repassava ante o estabelecimento, onde costurava Emilia.

* * *

Sobre o lar da mansarda, n'um copo d'agua, viam-se dois ramos de violetas já seccas.

Ha um anno que João e Emilia se acham consorciados, e a felicidade favoreceu-os: Emilia é mãe; passeia, nos braços, um rapaz roseo, que titubeia.

Mas ha dois dias que o pequenino ser perdeu a sua alegria. As mãos são quentes e o olhar brilhante. A febre consome-o, e, em vez de sorrir-se para a mãe, o bébé chora.

Emilia espera, impaciente, a volta de João.

O dia foi suave, e o pae talvez traga algum remedio.

O operario bate á porta.

— E' elle!

D'um pulo cáe-lhe nos braços.

— O nosso pequenino está muito doente...

João, depois de ter passado a sua mão rude sobre a fronte da creança, não soube que dizer. Perturbado, suffocado de lagrimas, que não queria deixar correr, acabou por pegar no bonnet, e, depois de ter socegado Emilia com uma palavra, correu em busca d'um medico.

O medico não se fez esperar; meneou a cabeça e receitou uma poção, de que o pequenino só poude tomar uma colher.

E dia.

O operario e a mulher não dormiram em toda a noite.

A creança parece dormir no collo da mãe.

— Mette-o no berço!... alvitrou João.

E a mãe ia obedecer, quando, de repente, notou que o seu filhinho era cadaver! dormia no collo o seu ultimo somno.

* * *

— Sêde sempre bons trabalhadores!...

— E' desanimar por completo!...

— D'aqui não ha fugir!...

Taes são as reflexões dos amigos vindos ao enterramento.

Enfileiram-se atraz do caixãosinho, que acompanham ao cemiterio; dizem, ao deitar-se a ultima pá de terra, ao pae e á mãe:

— Coragem!

Coragem é effectivamente do que se carece!

A felicidade abandonou a mansarda após a creança enterrada.

João dispendeu todas as suas economias. Comprou para o pequenino uma concessão temporaria, que se renova dentro de cinco annos.

O bébé ali dorme tranquillo entre os tumulos d'outras creanças, que se parecem uns com os outros, com a cruz branca e seus ornatos identicos em perolas:

A meu filho! — A minha filha!

Depois nomes de creanças, que as mães repetiam com desinencias ternas e em cima a idade, a data do dia em que a sua alma voou para as regiões ignotas.

Todos os dias Emilia vem piedosamente visitar a campa do seu pequenino!

Ao domingo, o marido acompanha-a n'esta romagem!

* * *

O inverno passou assim — sombrio e triste!

Cedo, pelo segundo anniversario do casamento de João e Emilia, a primavera reappareceu com o seu sol creador!

O proprio cemiterio tomava outro aspecto; o ar tornava-se mais puro, menos acre, pleno de emanações de flôres e os tumulos pareciam menos tristes.

Emilia vinha todas as manhãs trazer algumas flôres, que collocava sobre a campa onde socegava o seu pequenino.

Em uma manhã d'Abril, e em que foi a primeira que entrou, depois que mecheu um pouco a terra humida da campa a que tirou algumas plantas parasitas que cresciam perto da cruz, notou, ao levantar-se, uma roseira, que João plantára havia seis mezes.

Como os ramos lhe batiam em pleno rosto, a moçoila ouviu uns pios de aves, cujo ninho se entrevia nos dois ramos.

Emilia ficou por algum tempo attenta, como absorta ante a sua descoberta.

O ninho era feito de musgo, de bocadinhos de hervas, apanhados talvez na propria campa.

Continha ainda uma avesinha; a ultima nascida; as outras já voavam.

Emilia, de repente, tomou o ninho com ambas as mãos, e, mettendo-o no lenço, deixou o cemiterio á pressa, olhando de instante a instante para traz, como se tivesse praticado uma acção má: roubára ella alguma cousa que lhe não pertencesse, qualquer cousa preciosa?

No dia immediato o ninho era religiosamente collocado sobre o lar da mansarda, ao lado dos dois ramos de violetas — as reliquias de João e Emilia!

A avesinha—uma toutinegra—saltitava n'uma gaiola, que o marido fôra comprar, á pressa, para satisfazer o capricho da mulher.

Os dias correram; ao cabo d'algum tempo, a ave cantava.

E agora os olhos de Emilia estão menos perlados de lagrimas: parece que a toutinegra, nascida sobre a campa do filhinho, devolveu á pobre mãe uma parcella da alma ida.

[Trad. de *Henrique Marques Junior.*]

LÉON BRÉSIL.

A ARMADILHA

— E' a primeira vez que encontro uma carteira...

... e a ultima que caio na asneira de a querer apanhar

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

O decreto vinicola

Não tendo podido fazer discutir pelo parlamento a proposta do sr. Ministro das Obras Publicas, contendo providencias vinicolas, o governo resolveu, forçado pela urgente necessidade de debellar a crise que augmentava por todo o paiz, decretar algumas medidas dictatorialmente. Como a sua proposta tinha já parecer da commissão de agricultura da Camara dos Deputados, o governo tomando como base do seu decreto, esse projecto refundido pela commissão e que, quando foi conhecido, não havia levantado seria controversia, acaba de publicar na folha official de hontem o seu trabalho cuja economia o relatorio que o precede condensa muito concisamente n'estes periodos:

Em promover o fabrico aprimorado e economico de bons vinhos regionaes pela associação dos productos nas adegas sociaes e pelo estabelecimento dos depositos;

Em confiar a companhias commerciaes a missão de lhes abrir mercado, tornando-os recommendaveis pela pureza e constancia dos typos e pela modicidade dos preços;

Em facilitar o aproveitamento dos vinhos de baixa graduação e dos residuos da vinificação no fabrico do alcool vinico e de boas aguardentes finas para o beneficiação dos vinhos, e promover a producção de aguardentes finas para copo, mediante o estabelecimento de estações de distillação que sirvam de incentivo a industria particular e lhe sejam entregues logo que ser possa, e ainda pelos favores tributarios concedidos á distillação de vinho e seus derivados em alambiques;

Em conceder auxilios á implantação de novas industrias, hoje rudimentares ou por crear entre

D. Maria.—O governo não fez promoções entre os artistas societarios da empreza do theatro normal, e apenas completou o elenco dos societarios.

A companhia funccionará para o anno, tendo como societarios:

1.ª classe, actriz Virginia e os actores Ferreira da Silva, Carlos Posser, Augusto de Mello e Joaquim Costa.

2.ª cl.ª, actrizes Augusta Cordeiro, Emilia Lopes, Fernando Maia e Carlos Santos.

3.ª classe, actrizes Cecilia Machado, Georgina Pinto, Amelia Vianna e actores Carlos de Oliveira e Cardoso Galvão.

D. Amelia.—Com a *Zará* terminou hontem a época da companhia portugueza de Rosas & Brazão. Agora até Outubro.

Trindade.—Estreou se agradando bastante a companhia de zarzuela hespanhola, dirigida pelo comico Nadal, e da qual faz parte a celebre portuguezita *Maria Gonzalez*.

O seu reportorio é variado. Debutou com o *Duo de la Africana, El Santo de la Ijdra* e *Revoltosa*, e até agora tem cantado mais as seguintes zarzuelas: *Verbena de la Paloma, Banda de Trompetas, La fiesta de Santo Antonio, Los Zanglotinos, La Marcha da Cadiz, El ultimo Chulo; Agua, Azucarillos y Aguardiente; El baile de Luiz Alonso, El Chiquillo, Al Agua Patos, El Molete*, todo esse largo reportorio de pequenas zarzuelas em 1 acto, de musica alegre e ditos que fazem rir, pretexto para umas malagueñas bem cantadas, e habaneras que estonteiam, finas e vaporosas como o champagne.

A Companhia vae dar agora recitas da moda. Escolheu as quintas feiras para *rendez-vous* da sociedade elegante, e em uma das primeiras noites dará a *Golfeine*, uma engraçada parodia á *Bohème*, feita por D. Salvador Granes, que é esperado em Lisboa. A distribuição d'esta zarzuela é a seguinte:

Gili	Sr.ª Gonzalez
Niceta	Sr.ª Alvarez
Sogolio	Gallo
Colilla	Ripoll
Sonoro	Nart
Malpelo	Nadal
Telesforo	Morcillo
Cabo del resguardo	Corona
Segundo Apunte	Villagrasa

Coro general, el sol, la luna, y um cohombro (no habla).

Avenida.—A época de verão, n'este theatro inaugura-se com a antiga magica *O Cabo da Caçarola*, nos principios de Julho.

A distribuição é esta:

O principe Marçal	Telmo
Rei D. Cabrito 75	Cardoso
Gerigoto	Eusebio de Mello
Ramassano	José Franco
Escariote	Barreiros
Bocca-Negra	Nunes
Carapinha	Taveira
Bucephalo, ministro	Pinheiro
Repositeiro	Lagos
Um pequeno	Carlos
Lucas	José Franco
Padrinho	Nunes
Forneiro	Pinheiro
Contrabandista	Taveira
Cabreiro	Godinho
Barbeiro	Pinheiro
Alfayate	Barreiros
Funileiro	Taveira
Fogueteiro	José Franco
Cosinheiro	Arthur
Philarmonico	Lagos
Oleiro	Salvador
Pagem	Lagos
Rainha Clarimunda	Jesuina Marques
Giralda	Maria Pinto
Princeza Semsaborona	Consuelo
Balph gor	Grenhilda
Ariel	A. Rodrigues
Rainha das Naiades	Virginia
Cupido	Isabel Ferreira
Amor	A. Rodrigues
Asmodeu	Virginia
Lysis	Claudina
Joãosinho	Carlos
Uma mulher	Claudina

Rua dos Condes.—Reabriu na época de verão, com uma opereta portugueza, musica do maestro Dias Costa e letra de Eduardo Fernandes (Esculapio), *Os Francezes no Bussaco*. A acção da peça passa-se aqui, n'este delicioso sitio, emquanto os francezes tentam tomar a serra e gira em torno dos amores de um alferes e de uma ramelheteira. A musica, que tem o sabor popular, agradou muito, sendo tambem applaudidos os interpretes Christina Tapa, Lur Velloso, Rentini, Oliveira, Roque e *tutti quanti*.

Colyseu dos Recreios.—A companhia lyrica que todas as noites dá enchentes a este Colyseu deu hontem em primeira audição a *Africana*, muito bem cantada, pelas sr.as Petevahy, Enriqueta Acena, Izquerdo e pelos srs. Ceccarelli e Modesti, e ensaia para se lhe seguir a *Serrana*, de Keil, a *Dona Mecia*, de Oscar da Silva, o *Lohengrin*, o *Mephistopheles*, a *Filha do Regimento*.

Eis a distribuição da *Serrana*:

Zabel, Serrana	Sr.ª Emma Petrozky
Pedro, camponez de Alfatema	Sr. Carlo Lanfredi
Marcello, camponez da Malhada	» Alessandro Modesti
Nabor, velho maioral	» Carlo Walter
André, cantador	» Nicolás Bubé
Um pastor	
Manuel, aldeão da Malhada	» Manuel Candela

---

nós, que augmentarão, pela preparação de passas, pela extracção do tartaro e pela concentração dos mostos, os reditos da viticultura.

Em permittir beneficiações dos mostos, que, longe de constituirem falsificação, corrigem a sua pobreza saccharina;

Em normalisar o commercio da aguardente pela intervenção de mercados reguladores do preço e por medidas fiscaes que o mantenham entre limites rasoaveis;

Em promover mais larga applicação do alcool a usos industriaes e evitar a concorrencia crescente que ao alcool vinico é feito pelo de outras providencias, mediante restricções postas á industria, sem offender os interesses creados;

Em aligeirar encargos e vexames que recahem sobre o commercio, tanto na exportação como no mercado interno, pela reducção de direitos e concessão de *bonus* aos primeiros e pelas reformas fiscaes mais convenientes, precedidas, em relação ao mercado interno, de uma providencia de caracter temporario, destinada a proporcionar um beneficio immediato á lavoura.»

•

O decreto promove a creação de depositos de vinhos dos lavradores, de oito adegas sociaes e mais que appareçam, e de uma companhia vinicola com séde em Lisboa, com o capital de 3:000 contos, a qual estabelecerá tres grandes depositos, um no Brasil, outro na Africa oriental e o ultimo na Africa occidental, escolhendo os portos mais convenientes. Estabelece tambem estações agricolas de distillação para aperfeiçoamento do fabrico e fixa mercados permittindo transacções no bolsa com os productos, sobre amostras de typos.

O alcool e aguardente desnaturado fica pagando um imposto minimo, sendo isento d'elle sempre que for fabricado de vinho, nas condições estipuladas, mesmo que seja exportado mas só quando não tenha soffrido fermentação alguma.

Nos vinhos do Porto e quaesquer outros licorosos é dado um *bonus* de 1$000 réis por cada 534 litros, e reduzido o direito, quando fôr para exportação.

O imposto do real d'agua é reduzido e como medida transitoria, até 31 de Agosto, o imposto do consumo em Lisboa e o das barreiras no Porto fica reduzido a 50 %.

Só o que não ficou da proposta apresentada ao Parlamento foi a prohibição de novas culturas de vinhos. O governo diz que reserva para o Parlamento o legislar tão importante ponto.

Viagem aos Açôres

Está marcado para as 2 horas da tarde de 20, a partida de El-Rei e da Rainha para as ilhas. Suas Magestades vão a bordo do cruzador *D. Carlos*, onde os camarotes da officialidade, devidamente arranjados, servirão para seu alojamento e das pessoas que as acompanham e que são, além da dama e dos dignitarios de serviço, os srs. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho, e Teixeira de Sousa, ministro da marinha.

O *D. Carlos* é seguido do *D. Amelia*, cruzador novo feito no Arsenal, que, pela primeira vez, sahe em viagem, e do *S. Gabriel*.

Com o Chefe do Governo vão dois secretarios e com o ministro da marinha outros dois e o seu official ás ordens. Todos estes seguem a bordo do *D. Amelia*.

O *yacht* real *Amelia* parte um dia antes, commandado pelo ajudante d'El Rei, o capitão de fragata sr. D. Fernando de Serpa, e conduzindo tres outros officiaes ás ordens de Sua Magestade, que pertencem á marinha, os srs. João Vellez Caldeira, Moreira de Sá e Antonio Pinto Bastos, o marquez do Fayal, o capitão Albuquerque, ajudante d'El-Rei, e dois outros cavalheiros.

A familia real não desembarcará em todas as ilhas. No Funchal a demora é de tres dias, e ahi irão ao encontro da esquadra portugueza dois navios inglezes e um hespanhol, encarregados de saudarem, em nome dos chefes do Estado das suas nações, os monarchas portuguezes.

Suas Magestades hospedam-se no palacio de S. Lourenço. Haverá exposição districtal, baile, recita de gala, passeio aos pontos mais pittorescos, etc.

No Fayal demoram-se outros tres dias, mais tres em Santa Maria e outros tres em S. Miguel.

Barão de Sant'Anna Nery

A morte subita d'este illustre escriptor brasileiro, ha muitos annos residente em Paris e que varias vezes visitava o nosso paiz, onde mantinha relações com muita gente, causou aqui profunda impressão. Um grupo de amigos e admiradores seus mandou celebrar, por sua alma, exequias na egreja dos Martyres, ao centro da qu

se elevava o catafalco, ladeado de 8 tocheiros, com a eça coberta por um rico panno preto e ouro. Na capella-mór havia um espaldar de seda rosa, com bordados a ouro, tendo dos lados, almofadas em preto.

A missa foi acompanhada pela orchestra com trechos de Jourdain, cantando-se depois o *Libera-me* de Jourdain.

Além de um grande numero de membros da colonia brasileira, assistiram as seguintes pessoas: ministro do Brasil, dr. Mello Alvim e seu filho, Vieira da Silva, consul; Filippe Mori, consul argentido; marquez de Franco, Julio Petra Vianna, Francisco Guilherme dos Santos, Anto-Ernesto Rangel da Costa, José de Mello, Ribeiro de Carvalho, Garland Laidley, Antonio Bastos, Manoel Moreira Rato, dr. Moyses Marcondes, João Anastacio Gomes, consul da republica de Costa Rica; Antonio Victor Cardoso Danin, Joaquim Carolino da Cunha, Augusto Quartin, Francisco Ribeiro de Carvalho, Annibal d'Azevedo, Americo dos Santos, João Amanthe, Bernardo Antonio d'Oliveira Braga, dr. Astrolabio Passos, João Affonso do Nascimento, Jayme Victor, Joaquim Pires dos Santos e esposa, Antonio dos Santos Calado Barbosa, Antonio Marques dos Santos, Francisco Bendeira, Antonio Bandeira, dr. J. H. de Mello e Alvim, Raymundo Nery Junior, Henrique Nery, José Antonio de Freitas, José Azevedo dos Santos, Joaquim C. Cunha, Antonio P. Rangel da Costa, Alfredo Augusto de Faria, José Avelino Martens, dr. Antonio Zeferino Candido, pelo Instituto Historico Geographico Brasileiro; L. Mascarenhas, Alvaro Branco de Mello, Guilherme Melchiades, José Gomes da Rocha, visconde de Claverie, etc.

Os boers

Os boers considerados como cabeças da revolta que tentaram em Lourenço Marques, quando ali estavam emigrados, e que chegaram já a Lisboa foram para a prisão da Torre de S. Julião da Barra. São ao todo 9, vindo um doente.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa. — Dentro em poucos dias ficará assente no elevador de Santa Justa a ponte que o liga á muralha do Carmo.

—Deve apparecer, no dia 1.º d'Agosto, o novo jornal, propriedade do sr. visconde de S. Boaventura, com o titulo o *Illustrado*. Publicará todos os dias, pelo menos, uma gravura.

—Partiu para as ilhas, onde vae montar os apparelhos do novo observatorio de S. Miguel, o capitão de engenheria Frederico Oom.

—Passou n'esta cidade, de regresso ao Brasil, o sr. major Joaquim Rocha dos Santos, jornalista brasileiro que residiu por muito tempo na Italia.

—A Rainha D. Maria Pia, que partiu no dia 6 para o estrangeiro, dirigiu-se directamente a Roma, a vêr sua sobrinha a actual Rainha da Italia que deu á luz uma creança. Da nova princeza Real que será em breve baptisada com o nome de Yolanda Margarida, estava para ser madrinha sua magestade, mas não o foi afinal.

—O pintor José Malhôa obteve no *Salon* de Paris uma menção honrosa.

—Inaugurou-se em Lisboa, no predio da rua do Alecrim que torneja para as ruas do Ferregial de Baixo e de S. Paulo, o novo dispensario para tuberculosos externos. No mesmo edificio ficaram installados os escriptorios da assistencia nacional aos tuberculosos.

—A bordo do vapor *Obidense* durante a viagem do Pará para Lisboa morreu o passageiro José Marques, embarcado n'aquella cidade.

—Chegou da India o director de uma folha diaria que ali se publica, o sr. Messias Gomes.

—Regressaram da Africa varias forças expedicionarias e os officiaes tenente coronel Sousa Machado, Jorge Camacho e Manuel Luz Alves, e outros passageiros do Estado, a bordo do vapor allemão *Kronsprinz* que teve uma viagem accidentada, porque as praças desgostaram-se com o mau tratamento de bordo, e uma manhã em que os cosinheiros se haviam embebedado, romperam em censuras asperas. Os cosinheiros, que passeavam no convez, adivinharam o que os soldados diziam e agrediram-os. Então generalisou-se um charivari medonho, com paus, copos, garrafas e ferros, que serenou depois de muito custo, com a intervenção do tenente coronel Sousa Machado que conseguiu fazer-se obedecer pelas forças. Os cabeças do motim, allemães, foram mandados pôr a ferros pelo commandante do vapor.

—Casou civilmente o sr. Antonio Vicente Gonçalves, com a sr.ª D. Felismina da Conceição Pires, natural da Barquinha.

—Regressou ao Tejo o *Adamastor*.

—O casamento do actor Silva Pereira com a actriz Maria Emilia, que noticiámos no ultimo numero, realisou-se ás 10 ½ da manhã de 5 na egreja das Mercês. Casou-os o prior da Encarnação, dr. Garcia Diniz, amigo intimo de Silva Pereira. A' ceremonia assistiu muita gente, uns cinco convidados apenas e os padrinhos que indicámos no numero passado. Os noivos partiram para Cintra depois da ceremonia religiosa.

Porto—Suicidou-se o conhecido emprezario theatral Joaquim Nunes da Silva (Presilha) atirando-se da ponte sobre o Douro.

—Por ordem da auctoridade fechou a fabrica de manteiga, de S. Lazaro, propriedade de José Correia de Castro, por ter provado a analyse aos productos que estes eram adulterados, contendo nada menos de 80 % de gorduras estranhas.

—A casa Andersen vae adquirir um vapor de 4:000 toneladas por ter vendido a uma casa inglesa o seu vapor *D. Amelia*.

—Em Crestuma, morreu afogada uma creança de 9 annos, neto do sr general Leopoldo de Menezes, que andava aprendendo a nadar.

—Chegou de Madrid o novo consul do Brasil, n'esta cidade, Alberto Conrado que tomou já posse do consulado.

—No dia 10, anniversario da morte de Luiz de Camões, houve sessão commemorativa na Associação Camoneana, discursando o sr. Conde de Samodães e recitando poesias os srs. Araujo e Silva, Oliveira Barros, Antonio Moreira Cabral, Vianna e Azevedo.

Coimbra—No dia 15 não houve actos na Universidade, por se terem celebrado as exequias da praxe, por El-Rei D. João III.

—Vae tundar-se um Gremio Litterario.

—Este anno realisa-se uma velharia universitaria, que ha annos andava esquecida, a visita dos lentes ao tumulo da Rainha Santa. O prestito terá todo o apparato, e verifica-se no dia 4 de Julho, como foi instituido por D. João V.

—Casou o sr dr. Abel Brandão com a sr.ª D. Luiza Jardim de Vilhena, filha do Conselheiro de Estado, Julio de Vilhena. Foi celebrante o dr. Alves Santos, lente de theologia e assistiu á cerimonia o sr Bispo Conde. Houve um almoço em casa da avó materna da noiva a sr.ª Viscondessa do Monte São, findo o qual partiram os noivos para o Bussaco.

—Inauguraram-se os trabalhos da Conferencia Nacional do Partido socialista, sob a presidencia do sr. Azedo Gnecco, e assistindo 31 delegados.

Albergaria — A Francisco da Silva Tavares, de Valle Maior, roubaram duas vaccas, no valor de 80$000 réis.

Almeida — Uma faisca, que cahiu no sitio do Peadeiro, matou tres pastores, todos irmãos e filhos do lavrador Antonio Vicente, do arrabalde do Paço. Um tinha 27 annos, outro 19 e o terceiro 15.

Foi um irmão que os encontrou no campo, fulminados.

Aveiro — Tomou posse o novo governador civil, sr. dr. José Coelho da Motta Rego, deputado.

—Lançou-se ao rio o hiate *Maria dos Anjos*, propriedade do armador José Pereira Junior, e construido nos estaleiros da Gafanha.

Braga — Tomou posse o novo governador civil, sr. dr. D. Thomaz de Vilhena.

—Casou o sr. Gustavo de Figueiredo com a sr.ª D. Maria de Azevedo.

Chamusca — Ao sr. Justo, rico negociante aqui residente, roubaram, duas ciganas, 300$000 réis em ouro, parte dos quaes ainda se lhes encontrou ao serem presas pela policia de Santarem.

Covilhã—Partiu para Londres o sr. Manuel Mendes Veiga de Albuquerque Calheiros (Covilhã), que vae representar a Academia de Coimbra no Congresso, que se realisa n'aquella cidade.

—O Sanatorio tem já 10 doentes.

—Casou o sr. Francisco Nunes Morão Marques de Paiva com a sr.ª D. Amelia Guimarães Tavares.

Fafe — Casou o sr. D. Antonio de Azevedo Sá Coutinho (Tapada) com a sr.ª D. Caetana Faria Azevedo, filha do capitalista sr. Antonio José Bastos de Azevedo.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a esposa do sr. José de Bastos Monteiro, e padrinhos, este cavalheiro e o sr. visconde da Torre.

Guarda—Vae ser edificado aqui, pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos, um Sanatorio para 100 doentes.

Actualmente estão aqui muitos atacados, vindos de varios pontos do paiz.

Lagos — Casou o capitão de infanteria 15 com a sr.ª D. Brites Marianna Tello Pimenta, sendo madrinhas a mãe do noivo e a sr.ª D. Carolina Angelica Pimenta Tello, e padrinhos os srs. Francisco d'Almeida Côrte Real e João Carlos de Abreu Pimenta.

Leiria — Nas Caldas da Rainha, um porco, forçando, ás trombadas, a porta d'uma casa onde vivem Maria Carneiro, o marido Braz Ribeiro e um filhinho de 17 dias, entrou e devorou a creança, que havia ficado só, emquanto a mãe tinha ido buscar agua.

Oliveira d'Azemeis — Ha tempo, José de Bastos Figueiredo, commerciante muito considerado em Villa Chã de Cambra, propôz acção de separação de pessoa e bens contra sua segunda mulher. O tribunal deu sentença contra, seguindo se lhe varias scenas de familia, discussões e processos de policia correccional, que agitaram tristemente a vida do pobre commerciante.

Agora, quando acabava de responder em policia correccional, mesmo no atrio do tribunal, desfechou tres tiros de revolver contra a sogra, Anna Gomes, que elle julga provocadora de todos os males da sua vida, e, deitando fóra a arma, correu para o marido d'ella, tentando ferl-o com um punhal.

Foi preso, produzindo o caso grande sensação aqui.

—Casou a sr.ª D. Maria Victorina Ferreira Alegria, filha do fallecido capitalista Antonio Pereira Alegria, com o sr. dr. Albino Soares Martins, medico em Pinheiro.

Portimão — Em honra do governador da Guiné, o capitão-tenente Judice Bicker, que veiu aqui em visita a sua familia, houve grandes festas: recepção na camara, illuminações, musica, e ovação delirante ao illustre conterraneo, que tão brilhantemente, n'um feito d'armas, manteve alto a bandeira nacional.

Santarem—Ao atravessar a ponte D. Luiz, sobre o Tejo, uma bateria de artilheria cruzou-se com um carro de carga, puxado a duas muares e pertencente á sr.ª condessa da Junqueira. As muares espantaram-se, e, escangalhando o varandim da ponte, precipitaram-se no rio, morrendo rebentadas.

Salvou-se por um milagre o carreiro.

Vianna do Castello — Tomou posse o novo governador civil, sr. dr. Queiroz Velloso.

—Casou o sr. dr. Alfredo de Magalhães Cerqueira de Queiroz com a sr.ª D. Margarida da Soledade Pinto de Araujo Corrêa, sendo madrinhas a avó da noiva e a irmã do noivo, e padrinhos os srs. conselheiro Antonio Pinto d'Araujo Corrêa e Jacintho de Magalhães.

Villa Real — Ao regressar, a cavallo, da teira que aqui houve, para a sua casa de Mesão Frio, cahiu o vereador Manuel Pereira Araujo, tão desastradamente, que, batendo no cranco, morreu logo.

Fallecimentos

Falleceram de 1 a 15 de Junho:

Lisboa: Francisco José Pereira da Silva Junior, Maria da Conceição Rodrigues, Joaquim de Lencastre, Francisco Dantas da Gama, Angelo da Conceição, João Radich, Deolinda Lopes, Manoel Pedro Alves, Emilia Rosa das Neves, Antonio Dias Quaresma, Maria Rita dos Prazeres, o veterano Aurelio Augusto, Manoel José Fernandes Bastos, Visconde de Pedroso da Silva, menina Palmira Ramos de Mattos, Maria dos Ramos Lourtão, Amelia Nunes de Abreu, Maria Joanna da Conceição Faria Monteiro, Joanna Oliveira, Antonio dos Santos Daquino, Theotonio José Ferreira, Anna Cunha de Almeida, Palmeiro Pinto José Baptista de Ovelheira, Alfredo Augusto de Oliveira Almeida, Maria Luiza Pires Franco de Castro, Georgina Antoinette Corrente, Helena de Vasconcellos Azevedo e Silva, menino Americo Raul Ornellas, Maria Theresa Midosi Bahuto, José Monteiro, Joaquim Paulo Fialho, Alvaro Otero, José Maria Figueiredo, Joaquim Pedro Simões, Domingos Marques de Carvalho, Anna Emilia Soares Coelho, Joaquim Pedro Simões, Antonio da Costa, Candido Augusto Arnaldo Wanzeller, Maria Joanna da Conceição Monteiro, Constança Pinto Coelho, Maria Martiniana Ramos e Sousa, Quirino da Conceição Amado, Dr. José Duarte Pestroso, cirurgião de divisão reformado, Joanna Ferreira, José Ferreira dos Santos, João Maria de Souza, Miguel Augusto Atalaya, Maria Rodrigues, Francisco José Duarte Silva, Quiteria da Conceição Amado, menino João da Veiga Affonso Bastos, Joaquim Antonio Marinho, Manoel dos Santos Ayres, Adelaide Moniz da Silva, Maria da Gloria Ramos.

Porto: Custodio José Moreira, João Damasceno Rodrigues Braz, general reformado, Theotar de Jesus Ferro, Antonio Oliveira Netto, Maria Boamorte da Silva Araujo, Maria de Jesus Monteiro, Christina Adelaide Correia Abreu Babia, Manoel José Galhano, Maria Rosa Lopes, Dr. Luiz Besa Corrêa, José Antonio Monteiro, Sophia Gomes Monteiro, Augusto Ferreira de Souza, Umbelina Alves Rodrigues, José Maria dos Santos Junior, Maria Augusta de Andrade Macedo.

Braga: Henrique Alves Pinheiro, Maria Joaquina da Cruz, Antonio Augusto Pereira Rosa Malheiro.

Coimbra: Luzia Dias Bastos dos Santos, major reformado, Antonio Correia de Mello.

Arruda: Manoel João da Veiga Affonso.
Felgueiras: Manoel Leite Fernandes.
Albergaria a Velha: Joaquim da Rainha, Maria da Silva.
Bellas: Barbosa Neves da Conceição Gouveia Mendes, Emilhana Henrique de Castro e Mello.
Oliveira dos Frades: Sebastião Bandeira Lemos e Mello.
Arambaja: Francisco Lopes Beira.
Mangualde: José do Amaral.
Regoengo Grande: João Firmino Silva.
Arganil: Maria das Dores Correia Simões, Padre Antonio Tavares da Cunha Leitão.
Almeida: Carlota Adelaide Gloria Almeida.
Santarem: Henrique Mousinho de Albuquerque, Luiz Albuquerque.
Ayeido: Frederico Franco de Paiva
Lagoa: José Maz Fernandes.
Tranccoso: Joaquim Antunes Mendes.
Boja: Luiza Maria da Costa Franco.
Celorico da Beira: Farta Velloso, Maria Eduardo Ribeiro Cabral.
Lagareto: Bento de Assumpção.
Goes: Libania Nogueira.
Villa Real: Simão Vasco Velasques, commerciante.

TAUROMACHIA

Campo Pequeno

(Á corrida da Assistencia)

O dia 1 de junho passou sem deixar saudades, porque esteve chuvoso e sulo, fazendo prever que no dia seguinte, domingo, não haveria a corrida da *Assistencia*, já transferida do domingo anterior.

Porém, o dia 2 amanheceu com sol brilhante, posto que no ceu se vissem ainda umas ligeiras nuvens, que eram restos do mau tempo da vespera. Isto alegrou todos os felizes que que conseguiram comprar as suas entradas na tabacaria Estrella Polar, e tambem os que tiveram a pouca sorte de adquirir os seus bilhetes aos contractadores, por preços exhorbitantes.

Quando nós entrámos na praça, quasi á hora de principiar a corrida, estavam já postadas á roda do sumptuoso edificio alguns centos de carruagens, que para ali haviam conduzido as prin, cipaes familias da nossa primeira sociedade-mescladas com muita gente de outras classes sociaes.

Ao tomar o nosso logar n'uma barreira do sector 2, tivemos n'isso verdadeira difficuldade, porque uma porção de *guardias de la prevencion*, acotovelando-se na entrada do sector nos tolhia o passo.

Installados finalmente na nossa *localidad*, vimos que a praça tinha uma enchente colossal, e que dos camarotes pendiam colchas e bandeiras de todas as nacionalidades, ali talvez postas á pressa, porque o mau tempo da vespera não deu tempo a minucias de ornamentação.

Ás 4 horas e 4 minutos da tarde, entrando no seu camarote a familia reinante, o *intelligente*, que era o sr. D. Luiz Lobo da Silveira, ordenou que se fizesse o *despejo*, sahindo logo a seguir, montados em 7 bonitos cavallos brancos, 6 charameleiros e 1 timbaleiro.

Deram as 7 figuras uma volta ao *redondel*, e dividindo-se ao centro ahi ficaram paradas cerca da porta do cavalleiro, quando entrou o *neto* que era o sr. D. Nuno Almada e Lencastre, ladeado por quatro interessantes *niños*, luxuosamente vestidos, e que pelo programma vimos serem os *andarilhos* srs. Jorge Custance Croft de Moura, Thomaz Custance Croft de Moura, Marçal Sequeira Pacheco e Antonio Navarro (Lagoaça).

Collocados os quatro gentis meninos no sitio devido, o *neto* descobriu a viseira, mostrando-nos uma emmaranhada cabelleira negra, e recolhendo-se a seguir.

Ás 4,9 a banda da guarda municipal toca um *pasa-calle* (n'uma corrida á portugueza não é mal apanhada,) e entra a *cavalgada* com as caixas das farpas, conduzida pelos forcados srs. José de Calazans, Pedro d'Oliveira, João Marcellino de Azevedo, Pedro Romano Navarro, Arthur dos Santos, José de Castelbranco, D. Antonio Lobo da Silveira (Alvito) e Luiz Pimentel.

Estes senhores receberam umas palmas sympathicas, que nos pareceu visarem de preferencia o *Cabo*, e, depois de alijarem a carga da mula, levaram-n'a para dentro não sem que ella antes de entrar na *puerta de los caballos* os cumprimente com os quartos trazeiros, despedindo uma parelha de coices.

Ha riso na assembleia, e quando soam as 4 ½ despontam na arena os bandarilheiros, em *cuadrilla* composta pelos srs. Pedro de Figueiredo, Mario Duarte, D. Luiz da Cunha Menezes, (Lumiares), Simão Luiz da Veiga, Henrique Avellar da Costa Freire e Paulo David.

Uns criados de libré collocam ao redor da trincheira falsa uns cavallos que nos parecem ser de combate, e logo a seguir vem os cavalleiros srs. D. Luiz do Rego, Victorino d'Avellar Froes e conde de S. Lourenço, que fazem as cortezias demonstrando que sabem equitação, estando tambem na arena os moços de curro srs. Augusto Raposo, Joaquim Nunes Vieira Raposo, Carlos Nunes Vieira Raposo, Joaquim Vidigal Paes, Adrião Malfeit), João Lopes de Carvalho Junior e João Dias de Carvalho; os moços de gaiola srs. Francisco Novaes da Cunha Sotto Maior e Athayde, e Antonio Noronha Cordeiro Feio; e o porteiro do cavalleiro sr. Henrique Ferreira Pinto Basto.

Concluidas as cortezias, que foi um dos melhores numeros da festa e emquanto os forcados se collocam na *casa da guarda*, os moços e *areneros* da praça limpam o *ruedo*.

Tudo a postos, principia a cerimonia da entrega do primeiro ferro pelos dois cavalleiros ao que está em *tanda*, e depois dos bandarilheiros coadjuvantes, José Martins, Theodoro e Torres Branco, cumprimentarem S. S. M. M. e A. A. solta-se ás 4,21 o 1.º *toreto* da tarde, para D. Luiz do Rego.

O *animalito* é negro, meano, de corna curta e pequeno.

Sahiu sem fixar-se, e, recebendo o primeiro *capotazo* de José Martins, arremete contra D. Luiz que havia offerecido a primeira sorte aos soberanos.

Empregou este cavalleiro um ferro á meia volta e mais outro, e depois d'algum tempo vimos um ferro muito trazeiro quebrado á garupa.

Parte depois uma boa farpa á tira, levando um toque, que se repete depois ao deixar outro ferrinho á meia volta (palmas)

José Martins dá dois lances e Theodoro mais quatro, cahindo sr. Calazens sobre o *torito*, que cumpriu e que se viu pegado de cara, em doce (?) amplexo.

O *cabo* dos forcados cobra a *moña* da sr.ª D. Amelia, e o sr. D. Luiz um ramo dado pela sr.ª condessa de Figueiró.

O 2.º, negro de corna larga, que tambem cumpriu mas que *cortou* um bocado, foi esperado á sahida, por Pedro de Figueiredo, que lhe deixou meio par pessimo, fazendo-lhe *pendant* o *neto* com outro ferro, que por desgraça se cravou na barriga do cornupeto.

Mario Duarte entra a *cuarteo* e sae apurado, deixando depois um bom par.

N'isto um golpe de vento leva pelos ares a tal cabelleira do *neto*, que foi logo desterrada para *entre bar-eras* havendo a consequente risota.

Pedro de Figueiredo sangra o novilho por metade, Mario deixa o seu par inteiro, e volve o primeiro a *sobaquillear* um outro tambem completo.

Mario enlra precipitadamente e apanha um susto de que todos se riem, e depois de espetar meio par, Figueiredo conclue o *tercio*, que foi demorado, com um par.

O novilho que tem o cachaço e adjacencias transformado n'uma estancia de madeiras, passa ás mão de José Martins que depois de quatro lances de capa o trespassa aos da forquilha.

Pedro d'Oliveira afoita-se para a unha, e citando o garrafo de cara fica-lhe na cabeça ao segundo intento.

Recebe depois a *moña* dada pela sr. D. Maria Pia, e palmas abundantes.

O 3.º era maior que os outros manos, tinha a corna alta e curta, muito *morrillo*, bonita estampa mas demonstrava alguma intenção, acabando mal.

Victorino Froes perdendo a gaiola *pincha* uma vez sem quebrar a madeira do *rejonchillo*, mas desforra-se depois com um ferro superior á meia volta (palmas).

Repete a sorte outra vez, e n'isto o *toreto* allivia-se nas taboas. Theodoro *corre*-o d'ali para fóra e Froes tem um *pescanço* á garupa, por não consentir. Torna Theodoro a entrar em scena e vimos um outro *pescanço* á meia volta, que proporciona um bom *quite* a José Martins.

Victorino sae em falso algumas vezes, artisticamente, e vae para dentro porque a rez, que era *tarda*, para o fim que se tornou completamente indifferente aos cites do cavalleiro (palmas).

O 4.º que era negro, meano, de corna alta e larga, sabia um pouco de latim sueco, e tanto que D. Luiz Lumiares foi *emborcado* e colhido, e Simão da Veiga usou de toda a sua sciencia para não lhe succeder o mesmo.

Lumiares, á gaiola, sangra com meio par, e Simão, previas duas sahidas *de vacio*, armado com um par de bandarilhas que lhe offereceu o auctor d'estas linhas, deixa meio á meia volta.

D. Luiz desconhecendo a pouca *sencillez* do *morucho*, pára se ao *cuartear* um par, e o *animalito* faz-lhe *mouche* no queixo atirando-o ao chão.

Simão e D. Luiz alternam na collocação de dois meios pares, sahindo o primeiro *rebotado* do sorre.

Veiga volve a entrar á meia volta em frente do sector 2, e voltando-se-lhe o novilho pelo lado contrario vê com olhos de lynce que está compromettido, e, n'um palmo de terra, *emenda a viagem* e larga uma bandarilha, em defeza muito justificada

D. Luiz vae a um terreno muito comprometedor para deixar um par *cuarteando*, e Simão, com o tourinho amparado no capote d'um dos peões, larga outro par á meia volta.

Pedem a Veiga que exhiba a *muleta*, mas elle diz que apezar de estar côxo não usa d'isso.

E fez bem porque com um *marrajo*, que adeantava as mãos e alargava o pescoço em busca dos parceiros, não ha que fiar.

Theodoro saltita com o capote em tres lances movidos e sacudidos, e Navarro segura-se de cara, rijamente, recebendo a *moña* do sr. marquez de Fayal.

O 5.º era negro, meano, de corna grande e alta, mas pequeno de corpo e manejavel para a lide.

O conde de S. Lourenço ao terceiro ferro que lhe collocou, á meia volta, é tocado e por pouco que não é desmontado, por se lhe ter chapado o cavallo, mas o *torito* não tinha o poder necessario e a coisa ficou só por ali. Conclue com um ferro que não estalou, e Simão entra na *brega abrindo* o *toreto*, que depois de passado por Theodoro com quatro *montazos*, passa aos cuidados de João Marcellino de Azevedo, que valentissimo se evidenciou.

Foi fóra uma vez; na segunda andou a bailar um *tango* no cachaço do animal; e á terceira *intentona* fica na cabeça do téro bruto, com toda a gana, escutando uma ovação ruidosissima, que tambem se devia ter estendido aos restantes forcados pela lealdade de que deram manifestas provas em todas as ajudas.

Foi-lhe outhorgada a *moña* da sr.ª condessa da Anadia.

Encerrou a primeira parte o 6.º, negro, meano, de *alfinetes* virados para o alto, com intenções pouco pacificas, mas cumprindo regularmente o seu mandato.

Começaram os bandarilheiros Freire e David por lhe deporem na cachaceira dois meios parinhos, repetindo o primeiro com um par de *brincos*, e o segundo com outro par, mas aberto.

Freire atira depois um outro par que não fica, e Simão *adorna-se* com o *percal*, e deixando que Paulo ponha um par em estylo de *descabello*, *abre-se* de capa soltando um ou dois lances.

Freire conclue com uma sahida improficua, e emquanto José Martins dá uns seis *capotazos*, pede ao intelligente que o deixe tourear de *muleta*.

O *intell gente* então, muito intelligentemente, nega o *permiso*, e o bicho cornudo joga o pau com Arthur Santos, que fica ao segundo intento, apanhando a *moña* da sr.ª condessa de Val-Flôr.

Eram as 5,20 da tarde; e depois de todos os lidadores terem ido ao camarote cumprimentar a familia reinante, onde receberam cigarreiras e phosphoreiras de prata, com exclusão dos moços de curro, que foram brindados com alfinetes de ouro, recomeçou-se a lide ás 5,49 com a apparição do 7.º, que era de corna alta e *lucia* pelo negro, cumprindo regularmente.

D. Luiz começa por quebrar um ferro á garupa, e depois de se embrulhar com o *neto* andando os dois a galope, a par, deixa um ferro á meia volta e outro á tira, mas baixo.

N'esta altura Simão mette-se no terreno do cavalleiro, e faz-se um embroglio de que todos se sahem sem consequencias de maior.

Vemos depois tres farpas partidas respectivamente á meia volta, á tira e á garupa, e ao ser o José Martins perseguido pela rez, Simão *avisa-a* a meio caminho, evitando *hule*.

Theodoro propõe-se passar (?) de capa, mas Simão da Veiga dá dois lances, parando, abandonando o bicho a Castelbranco, que fica de cara, não sem antes levar uma bolada secca no estomago.

Teve a *moña* da sr.ª duqueza de Palmella.

Veio depois o 8.º, negro, meano, pequeno de corpo e coxo da perna direita, que tambem cumpriu.

Mario com um nervoso inclassificavel espeta meio par á gaiola, Pedro de Figueiredo um no ar, e depois mais dois meios, volvendo o primeiro a *quebrar*

Um par inteiro
Mas muito deanteiro

Pedro conclue o *tercio* com um par a *sobaquillo*, e José Martins, no terceiro lance, vê o cornupeto cahir-lhe aos pés.

Dá mais dois lances e Luiz Pimentel pega rijamente o animal de cara, sendo presenteado com a *moña* da sr.ª D. Adelaide Sommer.

Sahiu depois o 9.º, negro, listão, de corna grande e muito desenvolvido no tamanho e nas carnes, fazendo lembrar os bicharocos de Emilio Infante, pelo typo e estampa.

Sahiu rapido, demonstrando melhores intenções do que os seus parentes da leziria, e perseguiu Victorino Froes que era quem estava encarregado de farpeal-o.

Vimos um bom ferro, uma sahida falsa, outro ferro á meia volta, e ouvimos uma gargalhada geral. Tratava-se d'um trambulhão dado na trincheira falsa pelo amador Costa Freire.

Victorino manejando o cavallo com primôr, em duas meias voltas deixa dois bons ferros, quando ao partir o segundo, que foi superior, um *guasón* do sol chama pelo lavrador.

Froes sae em falso, ou, por outra, prende só a ferragem ficando com a madeira na mão, e deixa depois um modesto *rejoncillo* á meia volta.

— O *intelligente* n'este momento dorme a somno solto —.

O publico pede *curtos* e Victorino tem a condescendencia de pedir licença para collocar bandarilhas.

D. Luiz Lobo muito cordatamente consente que Victorino colloque mais um ferro, mas largo e não de tamanho reduzido.

Grita então fortemente um do sol
Este *intelligente* não é hespanhol!

Victorino despede o cavallo a todo o galope e, á meia volta, sangra com uma farpa que não quebrou.

Que o agradeça ao fabricante dos *rejoncillos* e bandarilhas.

Simão da Veiga usa então da *muleta* e solta até 15 passes altos e com a direita, inopportunamente ajudado por Theodoro, e soffrendo no fim uma *colada* de compromisso e um desarme.

Lança mão do capote e os cabrestos envolvem-lhe a rez, que começou a girar em torno da liça para ser subjugada pelos moços de curro, que intentam isso por varias vezes.

Por fim foi depois pegada á volta pelos moços de curro, e muito bem, rabejando Augusto Raposo e cahindo-lhe na cernelha Adrião Malfeito, que recebeu a *moña* da sr.ª condessa de Valenças.

Palmas e chamadas a todos os que intervieram na lide do touro que foi bravo e nobre, posto que se encostasse um pouco do lado direito por effeito da lide a cavallo.

O que se seguia, o 10.º, era tambem negro, mas meuno, de corna voltada, larga e alta. Cumpriu mas sabia mais do que devia.

Simão deixou que José Martins lhe tirasse a sorte de gaiola, e depois *cuartea* um par, que foi sem duvida o melhor da tarde (Palmas).

D. Luiz prende um que não teve outro defeito senão o de ser aberto, e Simão citando de longe sae em falso, porque vê que tem o seu terreno vencido.

Apella para a meia volta e o animal succumbe, porque recebe um par nas *agujas* e por certo muito bom.

D. Luiz conclue com um par em taboas do 6, e Theodoro abre o *percal* duas vezes.

O forcado Silveira (Alvito), fica de cara, mas por *broma* Calarans deixa-se depois enganchar pelo cornupeto, por um sitio perigoso mas sem consequencia de maior.

D. Antonio Lobo é presenteado com a *mona* da sr.ª condessa da Anadia.

N'esta altura começam sahindo algumas pessoas para o comboio, e pouco depois solta-se o 11.º da corrida que era negro, meuno, grande, de armação desenvolvida e larga, e bem fornido de carnes.

O *animalito* cumpriu como bom para o cavalleiro, que era o Conde de S. Lourenço, o qual principiou com um ferro á garupa muito cahido.

Os peões *abrem* a rez, e o conde, a meia volta, crava um bom ferro intervindo depois os peões na *abertura* do bicho, que está com pronunciadas tendencias para *entablerar-se*.

O conde volve a simular a sorte, e o *neto* n'uma arrancada inesperada atrapalha-se, quebrando o ferro. O sr. conde de S. Lourenço conclue o primeiro *tercio* com um ferro em que quasi *descabella* o cornupeto, que recebeu o castigo mudo e quedo como um penedo, emquanto um do sol grunhe umas asneiras que não se percebem.

Cambiado o *tercio* Costa Freire empunha os *trastos*, e começa com um passe alto, ao natural e outro de peito, seguindo-se mais nove *moletaços* muito embrulhados, dados com pouca calma e indecisão.

Os forcados intentam pegar de cernelha, mas o *torito* esquiva-se dos cabrestos, e no fim de algum tempo, conhecendo os pegadores a esterilidade dos seus esforços, recolhem a bastidores, ouvindo applausos de vento dados pelos brutinhos do sol, e palmas de sympathia tocadas pela gente educada.

Sae depois o ultimo da tarde que contaremos como 12.º, e que era negro, meuno e bem armadinho, cumprindo na lide que foi desempenhada, a pé, pelos bandarilheiros David e Costa Freire.

Começa o primeiro por deixar o seu par de gaiola um tudo nada aberto, entrando depois o *néto* na peleja com um ferro quebrado á força.

Freire castiga a atmosphera com um parinho e emenda depois a mão com outro no touro, *cuartezando*, que resultou aberto mas que classificamos de bom porque *cuadrou* na cara do cornigero.

O *neto*, que quer folia, volve a deixar uma outra farpa (palmas), e Paulo David *cuadra-se* tambem muito regularmente para deixar par e meio muito bons.

Finalisa Freire o *tercio* e a corrida com uma sahida em falso, nas taboas, porque o bicorne não lhe metteu a cabeça, sendo recolhido pelos mansos quando o nosso relogio marcava as 6/34 da tarde.

EGYDIO D'ALMEIDA.

Praça de Algés

Na quinta feira 6 do corrente, realisou-se na praça de Algés a inauguração da epoca tauromachica.

A empreza Almeida, tendo a coadjuval-a o bandarilheiro Raphael Peixinho, organisou a corrida só com elementos portuguezes, e porque fosse sympathico para os aficionados o progamma, affluiram em grande numero, apesar de haver tourada de curiosos em Almada e ainda corrida de beneficencia em Santarem.

E não tiveram de que arrepender-se os que assistiram ao espectaculo, porque houve trabalhos, apesar da mediocridade d'alguns artistas, dignos de menção como passamos a descrever na resenha da corrida.

Ao entrar na arena o cortejo para fazer as cortezias, Raphael Peixinho foi saudado com uma prolongada salva de palmas, que se repetiram depois quando o velho bandarilheiro Sancho foi entregar ao cavalleiro Ricardo P. ferro com que fez a sorte de gaiola larga, no primeiro touro que appareceu. Era um animal negro bem armado, que recebeu mais quatro ferros, sendo um descahido, rematando o trabalho com um ferro curto. Toque do cabrestos para a praça, em seguida para pega de cernelha, que se não realisou, sendo o animal recolhido ao touril. O cavalleiro teve chamada e ouviu palmas.

Para o segundo touro, negro, foi Raphael para a gaiola, e metteu um soberbo par em sorte offerecida ao publico. José dos Santos aproveitando o resalto do bruto collocou um par. E depois sahida por sahida cada um d'estes artistas collocaram mais um. Manuel dos Santos deu-lhe alguns passes de capote e Fressura pegou de cara.

O 3.º touro (negro) pertenceu a Luiz Homem, que teve tres sahidas falsas, collocando par e meio, assim como o seu collega Arthur Felix teve egual numero de ferros.

De corna alta e negro sahiu o 4.º touro para Manuel dos Santos, a sós. Pediram-lhe cadeira e o estimado artista que não estava nas melhores tardes, mediu mal o terreno, e o cambio sahiu-lhe tres vezes nove. Collocou em seguida par e meio, e o ordinario cornupeto foi pegado de cernelha.

Ao cavalleiro Fernando Alão, um novo da cidade do Porto, pertenceu o 5.º (listão) do detalhe. A anciedade para o ver era grande, mesmo por parte dos nossos cavalleiros, por vir precedido de grande fama, que afinal se mostrou justificada.

Arrojado, aprumando-se bem na sella, mostrou-se, comtudo, acanhado; cravou tres farpas *en su sitio*, e se mais não empregou, foi porque o animal fugia ao castigo, pelo que o cornetim se fez ouvir e o artista retirou.

E' de notar que nos tres ferros que empregou o touro só arrancava pela certa, procurando a frente do cavallo. As tres sortes foram á meia volta.

Thomaz da Rocha teve as honras da tarde no 6.º touro. Depois d'um bom salto de vara, marcou um *cambio*, que resultou superior, collocando mais tres pares em sortes superiormente citadas, que lhe valeu calorosa ovação.

Manuel dos Santos deu-lhe sete passes de *muleta* e o bicho recolheu.

Depois do intervallo, sahiu o setimo da manada para Fernando Pereira, que soffreu uma recarga que poderia ter evitado. Empregou tres ferros compridos e um curto. Alguns passes de capa por Manuel dos Santos e encurralado.

O 8.º touro pertenceu a Francisco Xavier (não confundir com o santo), a sós. Dando um salto de vara, empregou em seguida quatro pares. Ouviu palmas. Depois de uns passes de capa, foi pegado rijamente de cara.

Raphael empregou dois pares no 9.º touro, e Manuel dos Santos tres, e pegando na capa, deu-lhe alguns passes, deitando-se no chão; mas o cornupeto, que entendeu que era cedo de mais para se deitar, levantou-o com os *pitones*, sem que o apreciado artista soffresse lesão alguma. Pega de cara rija.

O 10.º touro foi para o cavalleiro Alão, que empregou tres ferros, um dos quaes, desprendendo-se, foi cravar-se na espadua esquerda do cornupeto. Foi recolhido.

O 11.º touro foi para os praticantes Mourisca e Pinheiro. Este empregou tres pares e aquelle dois e tres meios. Tem arrojo, e foi, sem medo, para a cabeça do cornupeto; porém, a sua maneira de citar é algo estrambolica: abaixa-se e levanta-se, do que lhe resultou ser embrocado e volteado, ficando estendido na praça com os sentidos perdidos, que a breve trecho recuperou.

O 12.º touro não foi lidado, porque se inutilisou no caminho.

***

Em 16 houve uma corrida por amadores, e para 21 de julho proximo está annunciado o beneficio de Raphael Peixinho, que deve ser uma festa emocionante.

EGYDIO D'ALMEIDA.

ANEDOCTAS

N. tem a consciencia de que não é positivamente um grande pescador.

Um dia parte para a pesca.

— Quando voltas? pergunta-lhe a mulher.

— Logo que tenha peixe para a caldeirada. Mas se entretanto apparecer algum casamento bom para a nossa filha manda-me avisar.

O sr. A. esteve para casar com a menina B. Zangaram se, porém, e cada um casou para seu lado. Actualmente tem cada um d'elles 8 filhos o que fez exclamar ao nosso impagavel Calino,

— De que elles se livraram; olha se elles sempre casam um com o outro? Tinham agora 16 filhos.

Perguntavam a um jogador:

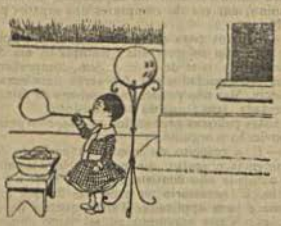
—Em Wiesbaden joga-se o *whist*?

—Joga-se. Ha uma sala para esse jogo, mas para se ir lá é necessario passar por tres salas onde se joga a roleta, de fórma que nunca eu consegui lá chegar.

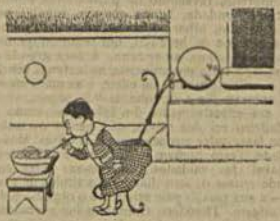
Calino indignado conclue d'esta fórma uma correspondencia enviada para um jornal politico, com o fim de censurar certa deliberação da camara municipal.

—Sim; de tudo serão capazes os perversos para annigilar o nosso prestimoso correligionario, e não lhe mandam cortar a cabeça porque já de ha muito foi abolida a força.»

A ESPERTEZA DE BEBE



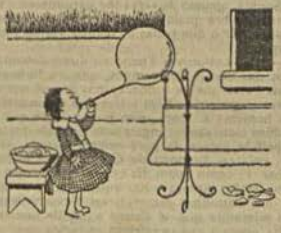
I



II

III

IV



V

VI

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

VIII

Presentimentos

— Dizes que está hoje muito bonita essa horrenda *Trascava*: porque? perguntou o cego.

— Porque ha muitas flôres. Na semana passada estavam todas seccas e agora estão todas viçosas. Dá gosto vel-as. Virgem santa! Quantos passarinhos e quantas borboletas. Aqui, *Choto!* Não assustes os passarinhos!

O cão, que descêra, voltou correndo, e a pacifica republica de voadores voltou a occupar os seus estados.

— Causa-me horror este logar! disse Paulo, apertando o braço de Nela. Vamos para o lado das minas, sim? E' caminho que já conheço, e por onde me não perco. Sigamos para o *Barco*. Anda adiante, *Choto*, e não me faças cahir, demonico!

Descerem por uma vereda em degraus, e pouco depois chegavam a uma grande cavidade formada pela exploração mineira. Estava-se em plena zona geologica, covão enorme, cujas paredes, talhadas a picareta, apresentavam curiosas estratificações, em camadas de tons diversissimos. Era aquelle o sitio extraordinario que a Theodoro Golfin parecia o interior de um navio naufragado, roido pelas ondas. De noite a similhança era flagrante. De dia admiravam-se as varias camadas da estratificação com os seus veios sulphurosos e carbonatados, os seus sedimentos negros, as suas lignites de azeviche, as suas capas de terra ferruginosa que parecia amassada com sangue, as suas largas laminas de rocha, quebradas aqui e ali, e eriçadas de dentes e recortes.

Assimilhava-se aquelle covão a uma ferida de rebordos negros, vista ao microscopio, e o fio de agua saturada de oxido de ferro que d'ella corria ao jorrar do sangue.

— Vamos sentar-nos no sitio do costume, Nela. E' mais abrigado do que este.

O cego e o seu guia subiram por um atalho ingreme, cavado na rocha e foram sentar-se ao abrigo de um pedaço de rochedo, furado no centro, formando dois corpos ligados ao alto, e que de longe apresentavam o aspecto de duas mandibulas ameaçadoras e descarnadas.

— Está-se bem aqui, disse Paulo, e não se sente a corrente de vento que costuma vir d'essa gruta. Ouves os gargarejos da agua na *Trascava?*

— Hoje está calada como um rato. Queres deitar-te?

— Lembras bem. Hontem não dormi em toda a noite, pensando no que meu pae me disse, pensando no medico, pensando nos meus olhos... e sentindo como que o contacto de uma mão que n'elles fazia uma abertura para a luz...

O cego sentou se junto á base da rocha, e proseguiu, reclinando a cabeça no regaço de Nela:

— E' por essa abertura que eu vejo, em sonhos, a luz que vem illuminar em cheio a ideia que me atormenta. Ah! Nela! Nela! Se Deus se compadecesse de mim... Que mais poderia eu desejar para ser o mais feliz dos homens, eu que quasi o sou já só por ter-te a ti como companheira da minha vida? Para que essa felicidade seja completa pouco me falta já: ver-te e recrear-me na tua belleza. O prazer da vista não o comprehendo ainda. Concebo-o vagamente. Tenho a curiosidade do espirito; falta-me a dos olhos, e que será uma maneira nova do amor que te consagro. A minha alma está cheia da tua belleza, mas ha d'ella o que quer que seja que me não pertence ainda.

— Ouves? exclamou Nela, interrompendo e prestando o ouvido attentamente com interesse.

— Que foi?

— A *Trascava* que está falando.

— Supersticiosa! A agua não fala. Que linguagem poderiam empregar as nascentes, creança? Ha só duas coisas que falam: a lingua e a consciencia.

— E a *Trascava*, accrescentou Nela, empallidecendo. E' assim uma especie de ruido parecido com palavras e ás vezes até julgo ouvir a voz de minha mãe, que me diz: «que bem se está aqui, filha!»

— E' a tua imaginação que fala, Nela, como a minha, que ás vezes tenho que mandar calar. A voz da imaginação é papagueadora e incoherente, ao passo que a da consciencia é grave, pausada e convincente. Ouves? agora parece que chora...

— E vae diminuindo... murmurou a rapariguita.

N'este momento começou de soprar o vento encanado pela gruta.

— Ouves os suspiros da *Trascava?* continuou ella. Lá tornou a falar baixinho... e diz...

— Diz o que, doida?

— Nada! replicou ella sacudidamente, depois de um momento de silencio. Doida?!... Sim... talvez tenhas razão.

— Hão-de desapparecer todos esses pensamentos absurdos, Nela, disse Paulo, pegando-lhe nas mãos. Havemos de viver juntos toda a vida. Meu Deus! se tens de me negar a faculdade de que me privaste ao nascer, para que me dás esperanças? O dr. Golfin... Depende d'elle toda a minha felicidade. Quero renascer para a vida. Vêr é renascer. Juro-te pela imagem de Deus, que tenho aqui nitida, clara e immutavel, que nunca nos separaremos. Hei-de vêr, Nela, para me extasiar perante a tua formusura celestial, e n'esse dia serás minha mulher, a vida da minha vida, o orgulho da minha alma. Calas-te! Não respondes!

A pobre Nela apertou ao peito a cabeça do cego. Quiz falar e não poude. Suffocava-a a commoção. Paulo proseguiu:

— E... se por desgraça nada d'isto se realisar, não nos separaremos. Serás minha. Serás, se... se o pobre cego te não causar horror. Não quero impôr-te um tal sacrificio. Tu encontrarás quem saiba amar-te e fazer-te feliz. A tua bondade, as tuas virtudes, a tua belleza, que hão-de captivar corações e inspirar o mais puro amor asseguram-te um futuro risonho. Eu... eu juro-te que te amarei emquanto viver, cego ou com vista, e, perante Deus, juro que este amor é grande, infindo, eterno. E tu, Nela?

— Eu? Eu quero-te muito, entranhadamente, respondeu ella, acercando o rosto dos olhos do cego. Mas... não tenhas tão grande ancia de

vêr. Quem te diz que eu seja bonita como julgas?

E ao mesmo tempo tirou do bolso do vestido um pedaço de vidro ainda com uns restos de aço, fragmento de um espelho que dias antes se partira em casa da *sôr* Anna, e reviu-se n'elle, aos poucos, primeiro um olho, depois o outro, depois a bocca, depois a testa, tão pequeno era o vidro. Affastando-o mais de si, logrou vêr reflectida metade da cara, mas logo tornou a guardal-o. O que o espelho lhe revelou fel-a empallidecer. Nela tinha os olhos humidos, e uma lagrima foi cahir sobre a mão do cego.

— Parece que principia a chover, disse elle.

— Chove, sim, respondeu Nela, suffocada.

— Chuva de lagrimas, creança! E's a bondade personificada, Nela! As nossas almas estão para sempre ligadas por um laço mysterioso e não poderão ser separadas nunca mais. Formam um todo, não é verdade?

— E...

— Ha mais eloquencia nas tuas lagrimas do que nas tuas palavras, Nela. Não é verdade que me quererás sempre, succeda o que succeder?

— Succeda o que succeder... repetiu ella, perturbada e sombria.

— E não me deixarás nunca?

— Nunca!

— Ouve, Nela: se me dêssem a escolher entre ficar eternamente cego e perder-te, preferiria...

— Preferias ficar cego... Meu Deus! Como me fazem bem essas palavras!

— Preferia não vêr com estes olhos a tua belleza que eu vejo dentro de mim, clara como a verdade. Tenho-te retratada aqui, e essa imagem enamora me.

— Sim, sim! exclamou a rapariguita fóra de si. Eu sou formosa, muito formosa?

— Olha, minha filha, proseguiu elle em tom caricioso: tenho um presentimento... Parece que oiço a voz de Deus que me diz que a minha cegueira desapparecerá, e que te verei, e que seremos felizes. E tu?

— Eu... Diz-me o coração que has-de vêr, mas diz-me despedaçando-se.

— Vêr-te! que ventura! exclamou o cego como que em delirio. Se eu já te vejo aqui dentro! Se tu não pódes deixar de ser como a minha phantasia te representa!

— Eu sou formosa, muito formosa! repetiu Nela, tremula.

— Bemdito sejas, anjo da minha vida!

Nela beijou-o na testa.

— Não tens somno? perguntou ella.

— Não dormi em toda a noite, e por isso começo a sentir necessidade de repousar. Está-se aqui tão bem...

— Pois dorme, meu filho!

E Nella entoou uma canção dolente, melopeia propria para embalar creanças. Pouco depois Paulo dormia. Mas d'ahi por instantes a voz de Nela emmudeceu, e a rapariga ficou absorta, prestando o ouvido ao rumor da *Trascava*, que parecia dizer-lhe: «Minha filha!... aqui... aqui...»

IX

Os Golfins

Theodoro Golfin não se aborrecia em Socartes. No dia seguinte ao da sua chegada passou algumas horas no laboratorio com o irmão, e nos outros visitou minuciosamente as minas, examinando as differentes curiosidades naturaes e os differentes trabalhos. A's noites, quando se fazia silencio na vasta região mineira, ficando em actividade apenas os fornos, o nosso doutor, que era enthusiasta pela musica, deleitava-se, ouvindo ao piano a cunhada Sophia, esposa de Carlos Golfin, e mãe de varios pequerruchos, que Deus chamára para si.

Os dois irmãos eram sinceramente amigos. De origem humilde, haviam luctado desde pequenos para sairem da ignorancia e da pobreza, a que estavam condemnados. Muitas vezes se viram a ponto de succumbir. Mas tão grande foi a sua força de vontade que conseguiram saltar todos os obstaculos que lhes interceptavam o caminho.

Theodoro, o mais velho, fez-se medico, muito antes de Carlos ser engenheiro, e concorreu depois com todas as suas forças para a sua educação. Logo que o irmão concluiu a carreira, Theodoro, obedecendo ao seu caracter aventuroso, partiu para a America, onde em breve logrou grande nomeada e grande fortuna. Fez depois uma viagem curta a Hespanha e novamente o Novo Mundo. Veiu ainda mais uma outra vez á Europa, regressando em seguida á America. N'essas successivas viagens percorria a Europa para vêr de perto e estudar os progressos modernos da ophtalmologicas a que se dedicava com paixão. Era um homem de feições grosseiras, moreno, revelando na phisionomia intelligencia e bondade, labios grossos, cabello negro e revolto, olhar brilhante, natureza energica, arcabouço de hercules, um tanto ou quanto gasto pelo clima americano. A cara grande e redonda, a testa proeminente, as melenas rebeldes, o brilho estranho do olhar, e as mãos enormes crearam-lhe a alcunha de *leão negro*.

E era effectivamente um leão, que, como o verdadeiro rei das selvas, não perdia occasião de se fazer valer aos seus proprios olhos. Mas a vaidade d'este homem illustre era a mais desculpavel das vaidades. Reduzia-se a ter em grande estima os seus dois unicos titulos de gloria — a sua paixão pela sciencia e o orgulho pela sua origem. Theodoro Golfin era incorrecto no seu modo de se exprimir. Falava como sentia, sem curar de arredondar periodos, o que, de resto, lhe seria absolutamente impossivel. As phrases eram sempre curtas e rapidas em harmonia com o seu pensar, que era uma especie de descarga electrica.

Sophia, quando ás vezes lhe perguntava a sua opinião sobre qualquer assumpto, dizia sempre: «vamos vêr o que pensa a Agencia Havas a este respeito.»

— Nós, costumava Theodoro dizer, descendemos das hervas dos campos, que é a linhagem mais baixa que se conhece, mas fizemo-nos arvores corpulentas. Viva o trabalho e a iniciativa do homem! E' para mim ponto de té que os Golfins teem sangue inglez nas veias. Até o nosso appellido parece de pura origem saxonia: Golfin, palavra composta de *Gold*, oiro, e *to find*, achar. E' como quem diz explorador de oiro... Meu irmão explora-o nas entranhas da terra, e eu nas entranhas maravilhosas d'esse universo em miniatura que se chama a pupilla humana.

Na época a que se referem os factos que ora relatamos, Theodoro tinha vinho da America, via New-York e Liverpool, e, segundo elle dizia, estava resolvido a ficar na Europa. Mas ninguem o acreditava. O mesmo dissera antes e sempre, de novo se expatriára.

Carlos era um bonacheirão, homem pacato, estudioso, escravo do dever, apaixonado pela mineralogia e pela metalurgia—damas respeitaveis, a quem elle sacrificaria a propria mulher. Afóra esta paixão, os dois conjuges viviam como Deus com os anjos, ou, como dizia Theodoro, em estado isomorpho, porque chrislallisavam pelo mesmo systema. Opiniões de Theodoro a respeito do pensamento: «O matrimonio seria para mim uma *Epigenesis*, ou crystal *pseudomorpho*, isto é, uma especie de crystalisação... que me não serve».

Sophia era uma excellente dama, de belleza regular, belleza que pouco a pouco ia fugindo por causa de uma lamentavel tendencia para a obesidade.

Tinham-lhe dito que a atmosphera de carvão de pedra fazia emagrecer e por isso foi habitar nas minas, resolvida a viver ali todo o anno. Mas aquelle ambiente saturado de pó de calamina e de fumo desgostava-a profundamente. Mortos os filhos, as suas principaes distracções eram tocar piano e organisar com algumas amigas associações de beneficencia e de auxilio ao hospital e escolas.

. . . . . .

N'essa tarde tinham sahido a passeiar. *Lili*, a cadella preferida de Sophia, saltitava adiante do grupo.

Perto da ribeira, perseguindo uma rã, *Lili* deixou-se prender por umas hervas, que a puchavam para a agua.

Nela, vendo o perigo que a travêssa *Lili* corria, entrára n'agua, trazendo-a para terra.

Mas vinha coxeando, porque se ferira n'uma das pedras.

. . . . . .

De novo se pozeram em marcha. Desta vez era Nela quem ia na frente, levando ao collo a *Lili*, que olhava para a dona por cima do hombro da pequena, com uma expressão que parecia traduzir isto: «Muito parva é esta D. Sophia!» Theodoro Golfin não dissera uma palavra emquanto durou o enternecedor perigo da formosa *Lili*. Mas logo que se pozeram a caminho e entraram no prado, o que lhes permittia andarem ao lado uns dos outros, dirigiu-se á cunhada:

— Quer-me parecer, minha querida Sophia, que aquelle animal te preoccupa demais. Verdade seja que um cão que custa duzentos duros não é um cão como os outros. Entretanto perguntou porque razão gastaste tu tempo e dinheiro para mimosear com um capote esse cavalheiro canino, em vez de comprares uns sapatos para a Nela.

— Sapatos para a Nela?! exclamou Sophia. E para que os quer ella? Rompia-os em dois dias! Ri-te, ri-te de mim... Sim, comprehendo que estes cuidados por *Lili* serão uma estravagancia. Mas não poderás accusar-me de falta de caridade. Isso é que eu não consinto!

Estas palavras pronunciou-as ella, com grande convicção e orgulho.

— E a respeito de exercer a caridade com prudencia e acerto, ninguem me leva a palma. A caridade não consiste em dar a torto e a direito. E' necessario ter a certeza de que a esmola é bem applicada. Talvez queiras dar-me lições! N'este assumpto eu sei tanto como tu sabes de doenças de olhos.

— Sim, sim. Já sei que tens feito coisas maravilhosas. Mas não me descrevas outra vez os taes concertos, bailes e touradas, engenhosamente organisados para soccorrer a pobreza, nem as taes rifas que fizeram girar gordas quantias e que serviram em primeiro logar para encher varias barrigas, ficando o resto, umas bagatellas, para os doentes dos hospitaes. Isso tudo dá-me apenas a medida dos costumes singulares de uma sociedade que só sabe ser caritativa bailando, toureando e jogando nas loterias... Não fallemos mais n'isso. Conheço essas heroicidades e admiro-as, porque têem seu merito, e não pequeno. Ora tu e as tuas amigas raro se abeiram de um pobre para saberem da sua propria bocca a causa da sua miseria, ou para inquirirem, de perto, dos seus males, alguns tão grandes que não podem ser alliviados com a simples esmola de alguns cobres, ou de um pedaço de pão.

— Ahi voltas tu com a tua philosophia! disse Sophia já de mau humor. Que sabes tu a respeito do que fiz, ou do que deixei de fazer?

— Não te zangues, replicou Golfin. Todos estes argumentos vão dar no mesmo alvo, n'este — compra uns sapatos á pequena.

— Pois ámanhã mesmo hei-de comprel-os, ora ahi está.

— Não terás esse trabalho. Quem lh'os compra sou eu, e ainda esta noite. São negocios meus e não quero a tua ingerencia n'elles.

— Nela! bradou Sophia, notando que ella se adiantára de mais. Quero-te aqui ao pé de mim para saber o que fazes.

— Coitada! fez Carlos. Quem dirá que aquillo tem dezeseis annos!

— Bem pouco desenvolvida! accrescentou Sophia. Uma lastima! Pergunto a mim mesma para que permitte Deus que estas creaturas vivam? Que é que se póde fazer por ella? Nada. Dar-lhe de comer, vestil-a, até certo ponto... já se vê... Pois se ella estraga tudo que se lhe põe em cima! Não póde trabalhar porque logo desfallece. Não tem forças para nada. A saltar pelos rochedos, a trepar ás arvores, a brincar, a sirandar todo o santo dia e a cantar como os passaros faz tudo em farrapos.

— Pois eu, disse Carlos, tenho notado n'ella uma certa intelligencia e perspicacia occultas sob aquella apparencia de candura selvagem. Não é uma idiota, tenho d'isso a certeza. Se alguem se houvesse encarregado de lhe ensinar alguma coisa, aprenderia melhor e mais depressa do que a maior parte das creanças. Acreditem que ha n'essa rapariguinha uma grande dóse de intelligencia natural, mas essa imaginação inculta ficou em estado rudimentar, dando em resultado uma sentimental e uma supersticiosa.

— Exactamente, confirmou Theodoro, exactamente como os povos primitivos. Nela regressou á epocha dos pastores.

— Ainda hontem, continuou Carlos, eu a vi na *Trascava*, no mesmo sitio em que ha pouco estava. Chamei por ella e perguntei-lhe o que fazia ali. Com a maior serenidade respondeu-me que estava fallando com a mãe... Já sabes que a mãe de Nela se precipitou no abysmo da *Trascava*...

— Quer dizer que se suicidou, accrescentou Sophia. Era uma mulher de má vida e de peiores ideias, segundo ouvi dizer. O Carlos ainda aqui não estava. Soubemos depois que se embriagava vergonhosamente. Pois estes seres envilecidos que põem termo a uma vida de crimes com o maior de todos os crimes, que é o suicidio, devem ser compadecidos por nós? Ha coisas que fazem arripiar! Esta gente não devia ter

vindo ao mundo. E não venhas para cá com subtilezas. Eu pergunto a mim mesma...

—Não perguntes nada, excellente Sophia, atalhou Theodoro vivamente. Eu me encarrego de te responder. O suicida é digno da nossa compaixão sincera. Censurem-o se querem, mas não será mau indagar antes que motivos o levaram a esse extremo desesperado, e verificar se a sociedade, desamparando-o, não deixou aberta de par em par a porta d'esse abysmo terrivel que o attrae...

—Desamparado pela sociedade! exclamou Sophia toda empertigada. Ha alguns, ha... A sociedade não pode soccorrer toda a gente. Lê as estatisticas, Theodoro, e verás o numero de pobres... Mas se a sociedade deixa alguns ao desamparo, para que é que serve a religião?

—Fallo-te, entende-me bem, respondeu Theodoro, dos desgraçados que a todas as miserias reunem a maior d'ellas—a ignorancia. O ignorante aviltado pela miseria e supersticioso apenas possue noções vagas e absurdas da divindade. Esse não tem ao seu lado nem amigos intelligentes, nem mestres, nem consolações religiosas, mas sim juizes para o condemnarem. E' extraordinario o vigor com que condemnaes a vossa propria obra! Passa por deante dos vossos olhos, rente das casas confortaveis em que viveis, uma multidão de seres abandonados, a que faltam todos os confortos a que teem direito as creanças, desde os paes que não conheceram, até aos brinquedos que ninguem lhes dará, e ficaes a olhar sem nunca vos lembrardes de infundir n'esses espiritos infantis um sentimento de dignidade, fazendo-lhes comprehender que são seres humanos, e incutindo-lhes ideias que não teem! Ficaes a olhar e não trataes de os nobilitar, substituindo, ao trabalho mechanico que os bestifica, o trabalho intellectual que os eleva! Sabeis que esses antes vivem em tugurios immundos, mal alimentados, atolando-se, dia a dia, na lama de ignorancia, e não vos lembraes sequer de repartir com elles um pouco das commodidades que vos rodeiam! E declamaes contra o homicidio, contra o roubo, contra o suicidio, sem verdes que sois vós que concorreis com o vosso egoismo revoltante para a sustentação d'essas escolas do crime!

—Não sei para que ha ahi tantos asylos? disse Sophia já azeda. Lê as estatisticas e verás o numero de infelizes que... Lê, lê as estatisticas...

—Não leio, nem preciso de lêr estatisticas. E a respeito de asylos... São frescos os teus asylos. Servem acaso para a resolução do grande problema da orphandade? Na alma do desgraçado orphão que vagueia pelas ruas e pelos campos, sem carinhos de ninguem e apenas protegido por associações, quem é que preenche o vacuo cavado pela falta da immina? Quem lhe incute sentimentos de nobreza, de dignidade, e de respeito proprio? Tenho sobre este thema uma ideia, que é só minha, e que talvez vos pareça disparatada.

—Que ideia é?

—O problema da orphandade e da miseria nunca se resolverá em absoluto, como não se resolverão outros problemas sociaes. Mas ha um meio para attenuar esse mal, que diminuirá sensivelmente quando os costumes, apoiados pelas leis, estabelecerem aos orphãos, quaesquer que sejam as suas origens, o direito... não se riam... o direito de entrarem, na qualidade de filhos adoptivos, nas casas dos ricos que não tenham filhos. Nesta forma tudo se harmonisaria, e não haveria paes sem filhos, nem filhos sem paes.

—Por esse systema, disse Sophia, tudo se harmonisaria, e nós seriamos os paes de Nela, não é verdade?

—E porque não? Se assim succedesse não se gastariam duzentos duros na compra de um cão, nem se perderia tempo em inventar mimos para qualquer *Lili*.

—E porque haviam de estar isentos d'essa curiosa lei os solteiros ricos? Porque não ha-de cada um d'elles adoptar um orphão?

—Não me opporia a essa determinação, respondeu Theodoro, olhando para o chão. Mas que é isto? Sangue?

Effectivamente no solo viam-se pequenas manchas vermelhas.

—Ai! credo! exclamou Sophia. E' sangue da Nela! Ora vejam como tem os pés!

—Era de esperar. Feriu-se nos cardos para salvar o teu encantador *Lili*. Vem cá, pequena! Nela acercou-se coxeando. Tinha o pé direito todo ensanguentado.

—Dá cá a *Lili*, disse presurosa Sophia, pegando no bicho ao collo. Não vás tu fazer-lhe mal... Doe-te isso? Coitada! Não é nada, rapariga. Ceus! quanto sangue! Não posso vêr correr sangue!

E voltou costas, toda nervosa, acariciando o cão.

—Vamos lá a vêr isso, disse Theodoro, pegando em Nela e sentando-a sobre uma pedra.

E, pondo a luneta, começou a examinar-lhe o pé ferido.

—Coisa de pouca monta, disse elle. Dois ou tres arranhões. Cá está um espinho cravado. Doe-te muito? Não vale nada. Espera que eu te arranjo! Vae andando, Sophia, se é que não preferes assistir a esta operação melindrosa.

Sophia afastou-se para pôr a coberto de sensibilidades o seu precioso systema nervoso, e Theodoro, tirando do estojo, que sempre trazia no bolso, uma pinça, n'um momento arrancou o espinho.

—Bravo! exclamou elle. Bravo pela mulher corajosa!

Nela ficára impassivel.

—Agora liguemos este pé.

E com o seu proprio lenço ligou o pé de Nela. Mas a pequena mal podia andar.

—Custa-te, hein! Pois tudo se remedeia.

E, pegando-lhe pelos braços, sentou-a no hombro direito.

—Se tens medo agarra-te aos meus cabellos: tens boas raizes e não vão assim á primeira. Ora agora pega n'esta bengala e no meu chapeu. E a caminho.

—Bonito espectaculo! exclamou Sophia, perdidada de riso. Teu irmão com a Nela ás costas e por cima de tudo o chapeu de Gessler...

X

Historia de dois filhos do povo

—Aqui tens um homem que serve para tudo, minha querida Sophia, disse Theodoro alegremente. Resultado da nossa educação, não é assim, Carlos? E que nós não fomos creados com mimos, e desde pequenos habituámo-nos á idéa de que não havia ninguem inferior a nós. Os homens que se fazem como nós nos fizemos, os que, sem auxilio estranho, e apenas amparados pela força de vontade, e por uma ambição nobre, conseguiram sair triumphante da *lucta pela vida*, esses são os unicos que sabem valer aos necessitados. Não vou narrrar-te varios episodios da minha vida, que poderiam applicar-se á bella phrase «ao proximo como a ti mesmo.» E não o faço para não incorrer no feio peccado do elogio proprio, e para não empanar o brilho das tuas rifas e dos teus ballaricos philantropicos.

E fiquemos por aqui.

—Conta sempre, Ora essa! Conta sempre.

—Não. Essas coisas devem ficar no silencio; assim o ordena a modestia. Confesso que não possuo grande dôse d'essa virtude. Não me faltam motivos para vaidade, e entre as minhas vaidades conto a de ter sido mendigo, de pedir esmola de porta em porta, de andar descalço com o meu irmãosinho Carlos, e de ter dormido com elle pelos portaes, pois que não tinhamos nem amparo, nem abrigo, nem familia.

(Continúa)

As mais titilhadas de Portugal

USO INTERNO—Estomago, gota, rheumatismo articular, diabetes.

USO EXTERNO—Rheumatismo, gota, sciatica, DORES UTERINAS, etc.

HOTEIS E CASINO

Installações as mais confortaveis e completas de Portugal. Este estabelecimento abre em 15 de maio e fecha em 15 de outubro.

Correspondencia: Gerente—CUCOS

TORRES VEDRAS

HOTEL DURAND

English Hotel – Lisboa

7, Rua das Flores—Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000:000$000 rs.

12.000:000$000 RÉIS

Ha sinistros pagos desde 1866 até 1904

PREMIOS E RESERVAS 2.000:000$000

Seguros contra incendio, explosão de gaz ou raios

Equateur Atlantique & Valeur Maritime

Companhia franceza contra os riscos multiplos e riscos de transporte de qualquer natureza.

Consultar — *Lima Mayer & Filhos*

LISBOA—Rua da Prata, 50, 2.º

JOÃO BASTOS & C.TA

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.º

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelarias, livros em branco, chapeus, harmonicas, cordas para violão. Realejos. Caixas de musica. Roupas feitas, perfumarias, bijouxes. Caixas de viagem, binoculos, artigos para presentes.

GRAND BAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo sem pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

PORTO | Rua de St.º Antonio / Rua Sá da Bandeira, 29

Estabelecimentos dentro do mesmo predio. Casa montada sob a organisação dos estabelecimentos congeneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indespensaveis

ao vestuario e uso domestico

Papelaria e Typographia

Estevão Nunes & Filhos

Trabalhos typographicos em todos os generos

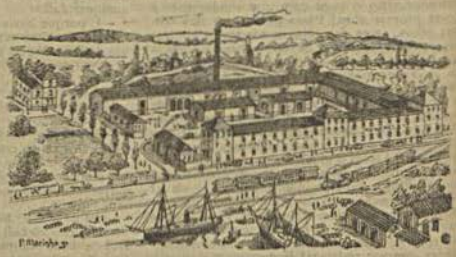
R. do Ouro, 58, LISBOA

VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES & Comp.ª

PORTO



A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: Rua da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ - SUCCURSAL EM MANAOS

Auctorisada a funccionar pelos Decretos n.os 2.245 de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304 de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excellente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do praso do seu contracto e, para si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente ás prestações já pagas pelo segurado.

Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, nas suas numerosas combinações de seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabellas e relatorios que são encontrados em Manaos nas mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. **MANAOS**

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitaes de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica possue além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distração como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia póde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

Recebe e satisfaz encommendas para o Brasil e Africa com grande desconto

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º LISBOA

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Acha-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 35$000 réis, enc. 40$000 réis. Assignatura permanente — Publicação de uma caderneta mensal ao preço de 5$000 réis franco de porte.

EDITORES: **LEMOS & C.ª successores**

Largo de S. Domingos, 63. — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.ª — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE GOYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto

Com a collaboração effectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueja, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco de Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambezes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queriol, Paulo Marcellino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentim de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

MAISON NOUVELLE

MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

H. PARRY & SON

Construcção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM GACILHAS

ESTALEIRO NO GINJAL

V.ta WENCESLAU GUIMARÃES & C.a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas *Wenceslau Rio* — Caixa do correio *N.º 272*

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

AGENCIA CENTRAL DE JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, acções de Bancos e Companhias, Cambiaes, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

Á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARÁ — R. Cons.º João Alfredo, 25

Leitura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PERTENCES DE ESCRIPTORIO

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna.

CESAR A. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA

DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

Licor de café Beirão

Approvado pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sósinho, em silencio, sem arruido, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saude é o melhor dos bens que o céo nos póde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as *febres graves agudas, febres palustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemicas e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bexigas, sarampo*, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as *febres intermittentes, maleitas* ou *sezões*, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recahidas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições DE Londres, 1862; Porto, 1865 e Paris 1867 e 1878

J.E.S.

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos

REGISTRADA — FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCIO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

Á VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — **Porto**

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA
Dr. Manoel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

GUARDA CHUVAS — LEQUES — PERFUMARIAS — ALBINO JOSÉ BAPTISTA — **LISBOA — O 92 da Rua Nova do Almada** tem sempre grande sortimento de chapeus para sol ou chuva, em todas as qualidades. assim como bengalas, leques, perfumarias e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro. Nenhum viajante deixe visitar esta casa

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações prediaes a longo prazo —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. **Emprestimos em conta corrente**: a juro de 5 % e commissão de 1/4 % de 1 a 9 annos. **Depositos** acceitam-se a praso ou á ordem, vencendo 2 3/4 á ordem e 3 % ao praso de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. **Propriedades**: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a praso. **Agencias**: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Livros uteis e instructivos

Grande reducção nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edicções da Empreza Editora de Arthur da Silva, Rua dos Douradores, 72, Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL — «C. Cantu» — Desde a creação do mundo até á nossa epoca Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4.º gr., 2.ª edição, com 5.950 pag. e 81 gravuras, br. ..... 9$000
Em encad. inteira ..... 15$500
OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 a 1878—«C. Cantu» Versão pelo visconde de Castilho — in-8.º, com 512 paginas e retrato do auctor; br 500
Em encad. inteira ou 1/2 ingleza 800
DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — «D. João M. A. A. O. de Lacerda» Diccionario de synonimos: Vocabulario da lingua Brasilica: o: Tupy—Vocabulario do dialecto Guarany, 2 vol. in-folio, 5.ª edição, com 2.480 pag. enc. int. ..... 12$000
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES S. POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade média até aos nossos dias—Versão do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1.245 pag. e 12 grav. br. ..... 12$000
Em 1/2 encad. franceza ..... 13$600

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL)—«Sebastião da Rocha Pitta»—Desde o descobrimento de 1500 até o de 1724—Revista e annotada por J. Gomes Goes, in-8.º grande, 2.ª edição de luxo 432 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch ..... 3$000
Em 1/2 encad. franceza ..... 1$500
RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL — «Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Baena» — 3 vol. in-4.º grande, com 1.130 pag., edição de luxo, com brazões de armas no texto, br. ..... 9$000
Em 1/2 chagrin, capa especial ..... 13$000
O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA — «D. Miguel de Cervantes Saavedra»—Versão do Visconde de Benalcanfor, 2 vol. in-8.º com 1.121 pag., e 31 grav., broch ..... 2$000
Em 1/2 encad. franceza ..... 2$800
OS SERTÕES D'AFRICA — «Alfredo Sarmento» — Apontamentos de viagem, in-8.º, com 231 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Ambriz, br. 500
Em 1/2 encad. franceza 500